



MINHA CONFISSÃO

PROSTRADO AO PÉ DA CRUZ

CHRIS BUSCHER



Minha Confissão

*A todos que magoei, a todos com
quem falhei*

*Que vocês encontrem a mesma paz que
hoje habita em mim*

Chris Buscher

All Rights Reserved. No part of this publication may be reproduced in any form or by any means, including scanning, photocopying, or otherwise without prior written permission of the copyright holder.

Copyright © 2014 **Lay Me Down Ministry Inc.**

Agradecimentos

Ao meu pai, Thomas H. Buscher

“Você me mostrou o coração paternal de Deus, incondicionalmente, durante muitos anos de dor. Mesmo te ferindo profundamente com minhas ações, você nunca desistiu de mim e procurou me guiar pelo caminho da justiça. Minha oração diária é que um dia eu me torne pelo menos a metade do pai que você foi para mim.”

À minha mãe, Sandra K. Buscher

“Você me trouxe a este mundo e há um vínculo inexplicável que nos une, apesar da distância entre nós. Suas orações foram ouvidas, sua fé foi galardoada e seu milagre recebido. Nunca esquecerei dos seus sacrifícios que me capacitaram a ser um homem de fé”.

À minha linda esposa, Jéssica Buscher

“Você jamais saberá quão especial você é, e quantas vidas você impactou com seu coração generoso. Sem você ao meu lado eu não seria forte o bastante para entrar por tantas portas que a fé colocou diante de mim. Te amo de todo o meu coração; você é minha e eu sou teu.”

Ao meu leal amigo, Thomas Doyne Jennings (LTD)

Eu não sei o que você viu em mim, mas sou verdadeiramente grato por você ter me encorajado a seguir a Jesus. Você tornou-se o irmão que perdi, o amigo que eu precisava e o sistema de apoio no qual o Ministério Lay Me Down precisava se fundamentar”.

Ao meu irmão, Joey

“Sinto muito por ter te ferido. Eu sei que nada que eu diga ou faça no futuro poderá remover o dano causado entre nós. Não há um dia sequer que eu não agradeça a Deus por você ter me dado outra oportunidade de ser seu irmão de novo. Para onde quer que a vida te leve; não

Às minhas irmãs Katie Lalley, Amanda Cook e Anne Buscher (Little Anne).

“Sinto muito por ter te ferido. Eu sei que nada que eu diga ou faça no futuro poderá remover o dano causado entre nós. Não há um dia sequer que eu não agradeça a Deus por você ter me dado outra oportunidade de ser seu irmão de novo. Para onde quer que a vida te leve; não

Às minhas irmãs Katie Lalley, Amanda Cook e Anne Buscher (Little Anne).

“Vocês era muito jovens para entender e não mereciam a dor que eu lhes causei. Temo que minhas ações tenham afetado vocês ao ponto de roubar a tranquilidade e segurança de uma infância comum. Mesmo assim, tenho muito orgulho de vocês por se tornarem campeãs em suas carreiras e fortes pilares na sociedade da região oeste. Mas lembrem-se sempre: não importa o tamanho do sucesso que vocês alcancem: todos precisamos de um Salvador; todos precisamos de Jesus”.

À memória da minha saudosa avó, Barbra Buscher

“Eu não pude me despedir e por isso, sinto muito. Sei que você está assentada com o Criador neste momento e orgulhosa das minhas ações, servindo ao nosso Rei. Sua fé, amor e palavras irão comigo para onde quer que eu vá; para toda tribo, língua e nação”.

A todos afetados pelos meus pecados

“Eu não sei o nome de todos vocês, mas as memórias dos meus pecados contra vocês não se apagaram. Não posso mudar meu passado, nem as feridas que causei, mas saibam que tudo o que agora faço, faço por vocês. A memória de vocês é o combustível para esta luta que me recuso a perder”.

Aos homens e mulheres de Deus que servem fielmente no ministério Teen Challenge

“No mundo todo não há um ministério preparado por Deus como o Teen Challenge. Em favor das multidões daqueles cujas vidas foram transformadas, eu agradeço. Deus usou vocês para mudar este “drogado sem esperança, num careta cheio de esperança”; que o Senhor seja sempre com vocês”.

Prefácio

Que coisa maravilhosa o Senhor fez ao me apresentar ao irmão Chris Buscher.

Ele me mandou uma mensagem há alguns meses, interessado em saber como poderia ter seu livro publicado. Até então, eu nunca ouvira falar dele ou de seu ministério.

Não tocamos no assunto por um tempo, até que surgiu a necessidade de um preletor para uma conferência de jovens em nossa igreja. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, juntamente com o irmão Ronaldo Ramos assistimos a alguns vídeos dele no *Youtube* e logo percebemos que estávamos vendo um homem de Deus ministrar a partir da própria experiência. Qual foi nossa alegria ao ligar para ele e receber um “sim” como resposta, de que ele viria ministrar em nossa conferência de jovens em Itapira.

Tivemos dois dias cheios da graça de Deus e de uma comunhão ímpar, como se nos conhecêssemos há muitos anos. O tempo com Chris e sua amável esposa, Jéssica, certamente marcou nossas vidas.

E naquele final de semana eu soube, sem sombra de dúvidas, que o testemunho dele deveria ser publicado.

De forma direta ele compartilha sua dor, do abuso na infância, ao sofrimento que causou a si, à sua família e amigos ao ingressar no mundo do crime e das drogas, como fuga de sofrimento.

Para o leitor, a primeira ideia é a de estar lendo a história de um homem de meia idade, que serve ao Senhor já há algumas décadas. Mas assim como aconteceu comigo, suas lágrimas rolarão ao perceber que um jovem de apenas dezessete anos viveu cada segundo desta história triste, mas também se regozijará ao saber que lhe sobrou juventude e tempo suficientes para cair ao pé da cruz e se entregar ao Salvador.

Chris não somente descobriu a vida para si, como descobriu o valor de servir ao Mestre, indo por todo o mundo, pregando o Evangelho a todas as pessoas.

Permita que o Senhor toque seu coração, edifique sua fé e te ponha em movimento para servir, enquanto lê este lindo testemunho do nosso querido irmão, Chris Buscher.

Eneas Francisco

Editor UP Books

Sumário

[Capítulo 1 - “Adeus Inocência”](#)

[Capítulo 2 - “A Dor e o Vício...”](#)

[Capítulo 3 - Inferno em Vida](#)

[Capítulo 4 - Eu Consigo Sozinho](#)

[Capítulo 5 - Além da Esperança](#)

[Capítulo 6 - “Deus é Real, Fala e Pode me Ouvir!”](#)

[Capítulo 7 - “Você Quer Coca ou Sprite?”](#)

[Capítulo 8 - “É Hora de Decidir.”](#)

[Capítulo 9 - Doce Rendição](#)

Capítulo 1 - “Adeus Inocência”

Com os olhos fechados o mais apertado possível, a dor do que está acontecendo me consome. Posso ouvir o som da câmera tirando fotos ao fundo enquanto o sangue quente ainda desce pelo meu corpo e meu coração bate violentamente. Minha família ainda vai demorar horas para voltar e me pergunto como poderiam me deixar com este monstro? Quanto mais eu luto, pior fica. Sou fraco demais para escapar, então me permito experimentar algo que jamais vou esquecer.

Ouçõ uma voz me dizendo que isto é meu castigo por ser um menino levado, enquanto minhas calças e camiseta são retiradas do meu corpo que treme. “Por favor, pare! Eu não vou falar nada! Vou ser um bom menino, prometo! Por favor! Por favor! Por favor! Por favor!”

Este foi o terror da minha infância que me perseguiu por anos. A memória que queima lá no fundo se recusa a ser curada. É a minha memória mais recente, mas não a mais influente. Isso era só o começo, o começo de algo ainda pior...

Tendo sido criado numa cidade pequena do centro-oeste, eu era diariamente informado a respeito do Deus da Bíblia, a partir de uma perspectiva católica. Deus o Pai, Jesus o Filho e o mistério do Espírito Santo, foi meu conhecimento fundamental passado através de cada história que eu ouvia. O Deus sobre o qual eu ouvia estava sempre distante e parecia que eu nunca poderia alcançá-lo.

Mesmo ainda tão jovem, eu tinha uma curiosidade enorme sobre a vida. Na noite em que meu pai me explicou que a avó dele havia morrido, instantaneamente ficou muito real pra mim que um dia eu e todos os que eu amava também morreríamos. Eu não entendia a morte completamente naquela idade, mas tinha medo. Eu sabia que nunca mais veria minha bisavó e eu não encontrava consolo nos esforços do meu pai em suavizar minha dor durante esta transição. Eu desejava entender porque nasci e o que aconteceria depois que eu morresse.

Quanto mais curioso eu ficava, mais o meu pequeno mundo mudava. Logo passei a olhar as pessoas de forma diferente e comecei a ver o desespero em seus olhos enquanto fingiam ter as respostas que eu tão desesperadamente procurava. Eu questionava tudo. Eu questionava a todos. E logo passei a questionar a mim mesmo.

Quanto mais minha família tentava encontrar ajuda para mim, mais distante eu me tornava. Ainda bem cedo microfones, gravadores e equipamentos de vídeo estavam diante de mim exigindo que eu aliviasse meu trauma de infância. Hora após hora, extraíam detalhes de mim. Durante este processo muitos psicólogos pediam que eu explicasse como me sentia depois de ter minha inocência roubada. Somente depois disso estudavam minhas reações, pelas lágrimas que eu derramava incontrolavelmente.

Meus pais nunca disseram aos meus irmãos o que aconteceu comigo, mas toda a minha família estendida sabia. Eu conseguia ver nos olhos deles e na forma como me tratavam. Eles eram muito cuidadosos com suas palavras e com as reações aos meus estouros. Eu me sentia frágil. Me sentia diferente. Me sentia só e muito perdido.

Durante o ensino fundamental eu desenvolvi personalidades divididas. Era como se duas pessoas distintas morassem dentro de mim. Enquanto uma sentia desesperadamente a necessidade de ser amada e aceita, a outra rejeitava a todos e construía fortes muros emocionais para se proteger do meu ambiente instável. Enquanto os educadores ensinavam outros alunos, muitos estranhos pensamentos me consumiam. Eu fantasiava durante o dia inteiro atos de violência e, por fim, meu suicídio.

Eu não falava muito, mas todos os professores logo compreendiam que eu era diferente e pediam que profissionais fizessem testes especiais para avaliar minhas diferenças educacionais. Quando não conseguiam encontrar o problema, ligavam para meus pais para fazerem uma conferência que não estava planejada com os professores. Durante essas conferências meu segredo de infância sempre vinha à tona e mais uma vez eu me lembrava de quão diferente das outras crianças eu era.

Durante anos meu “segredo de infância” me perseguia e impedia meu desenvolvimento emocional. Sobrevivendo a um constante estado de

desespero, culpa e inadequação, minha dor só crescia na medida em que os anos passavam.

De forma especial lembro-me do meu primeiro dia no ensino médio. Mudanças estavam acontecendo e eu me sentia maior e no controle da minha vida. Ao invés de um único professor para o dia inteiro, agora eu tinha quarto. Esperava-se mais de nós na escola e com as responsabilidades aumentadas, mais recompensas vinham. Eu curti muito a mudança de ambiente e rapidamente abracei esta nova oportunidade.

Durante as férias de verão eu ponderava como poderia usar todas estas mudanças em meu benefício. Eu desejava desesperadamente amigos e ser visto como alguém normal. Após ganhar algumas ideias dos meus programas de televisão preferidos, decidi me tornar o palhaço da sala. Acreditei que se eu pudesse fazer as pessoas rirem, elas quereriam ficar perto de mim e então rapidamente eu seria aceito.

Eu não sabia por onde começar ou como contar minha primeira piada. Tendo passado os últimos doze anos me escondendo da realidade, logo descobri que não seria uma tarefa fácil. Hora após hora eu ouvia comediantes no meu toca-fitas, escrevia cada palavra e as memorizava. Dia e noite eu ficava diante do espelho do meu quarto, ensaiando minhas piadas e cenários alternativos, me preparando e esperando o meu momento.

Após um ano inteiro de intenso preparo e meditação, chegou a minha hora. Comecei com minha primeira piada no laboratório de ciências e chamei a atenção de todos. Foi a primeira vez que muitos deles me ouviram falar mais que duas palavras. Instantaneamente me senti alimentado por um senso de propósito, pois senti a necessidade deles por entretenimento. Durante todo o dia as pessoas me olhavam de modo diferente, e ao menos uma vez, olharam nos meus olhos e me deram atenção. Por dentro eu queria gritar por causa do alívio – lá dentro eu sabia que isso não ia durar.

Pelos dois anos seguintes meu status na escola era de comediante. Não um comediante que as pessoas respeitassem, mas um que faz as piadas às suas próprias custas. Semanalmente eu ainda ficava sob a supervisão de muitos psicólogos que me enchiam com muitos de seus remédios experimentais. Apesar dos doutores terem feito sérias promessas, os

medicamentos regularmente traziam diferentes efeitos colaterais. Esses efeitos colaterais alteravam não somente a minha vida, mas também a de qualquer infeliz que cruzasse meu caminho.

Ganhei muito peso depois que me deram um remédio que prometia curar minha dor. O veneno que os médicos prescreveram me aprisionou num estado constante de sono e fome. Comer e dormir eram minha vida diária. Já não conseguia fazer nenhuma atividade física das que eu curtia antes do remédio. Quando os médicos mudaram novamente meu remédio, já era tarde demais. Eu estava obeso e ainda mais deprimido que antes.

Às vezes meu pai com a melhor das intenções tentava tirar-me daquele estado de depressão. Ele me animava a andar de bicicleta, *roller blade*, viajar com ele a negócios, ou qualquer coisa que acreditava que me tiraria do computador ou do sofá. Normalmente minha resposta não era a que ele esperava. Fúria era a melhor descrição, uma fúria demoníaca.

Algo incontrollável me dominava. Eu conseguia ver e entender todas as minhas decisões, mas não tinha remorso. Nenhum remorso e muito pouco autocontrole. Como uma insignificante faísca próxima de combustível, eu explodia. Várias vezes eu agarrava meu pai desesperadamente tentando matá-lo, procurava armas que estavam bem escondidas, jogava facas ou qualquer outra coisa que pudesse feri-lo.

Eu amava aquele homem, mas, nesses momentos, quem eu amava era quem mais sofria. Meus olhos rolavam pela minha cabeça e os apagões aconteciam. Depois de me acalmar das explosões de violência, eu ficava coberto por um mar de lágrimas, suor e destruição ao meu redor. A casa ficava tão destruída quanto meu relacionamento com meus entes queridos.

Por fora eu tentava parecer forte, feliz e normal, mas por dentro era impossível estar mais perdido. Eu me odiava. Odiava minha vida. Odiava minha própria existência. Estava emocional e espiritualmente completamente morto.

E os hipócritas de coração amontoam para si a ira; e quando Deus

*os põe em grilhões, não clamam por socorro. - **Jó 36:13***

Capítulo 2 - “A Dor e o Vício...”

“Chris, você pode me ouvir? Você ouviu o que acabei de te dizer?” disse o Doutor Thompson. “Chris eu vou trocar seu remédio, pois parece que você está tendo um efeito indesejado.”

Assim que ouvi aquelas palavras lembrei-me instantaneamente do filme ‘Forest Gump’ estrelado por Tom Hanks. Especificamente a cena na qual ele acorda um dia e descobre que Jenny, a mulher que ele ama o havia deixado e a única solução era correr.

Mas, diferente do personagem principal do filme, eu não coloquei meus tênis de corrida. Eu calmamente saí do consultório do médico, entrei no carro com minha mãe e não falei uma palavra até que fechei a porta do meu quarto. Após desfalecer no chão, ao lado da minha cama, amaldiçoei a Deus. “Maldito seja! Maldito seja por me criar! Maldito!” Minhas lágrimas e dor eram incontrolláveis. “Eu te odeio”, orei. “Eu te odeio, odeio a igreja e odeio tudo o que já ouvi a Teu respeito”.

Pelos vários dias que se passaram, secretamente deixei de tomar o medicamento prescrito. Me recusei a ir à escola e não saía do meu quarto. Passava o dia e a noite inteiros refletindo sobre minha vida, “tenho treze anos, não tenho amigos, nem alegria, nem paz e nem futuro”. Eu precisava de um novo recomeço para minha vida. Por um momento pensei em fazer uma mala e ir embora. Eu queria desesperadamente escapar, mas não tinha opções e nem alguma esperança real de sucesso.

Eu sabia onde meu irmão escondia suas bebidas. Tinha visto na semana anterior enquanto andava perto da mata, atrás de nossa casa. Após vários minutos considerando como poderia roubar e trazer para meu quarto sem ser notado, eu preparara meu plano. Eram quase cinco horas e em breve meu pai chegaria do trabalho. Não podia perder tempo.

Muito cuidadosamente fingi levar minha cadela “Luminosa” para um passeio. Após me certificar de ter comigo calças largas e suéter extra,

coloquei a coleira na Luminosa e calmamente desci a rua rumo a Potters Hill. Discretamente dei uma olhada para ver se alguém me vigiava, e quando tudo estava limpo – Luminosa e eu corremos o mais rápido possível para a mata.

“Conseguimos! Ninguém nos viu, menina” disse bem baixinho para Luminosa. Ela havia se tornado minha melhor amiga rapidamente, uma vez que me fora dada quando filhote. Após vários minutos remexendo as folhas e virando troncos velhos, encontrei! Meu tesouro enterrado estava agora ao meu alcance, duas garrafas de cerveja Busch Light.

Com exceção do vinho da ceia aos Domingos na igreja, eu nunca tinha experimentado álcool antes. Eu estava cheio de medo e agitação, e por alguma estranha razão, um prazer imenso de fazer algo ilegal.

Após dar uma olhada ao redor para ter certeza de que ninguém estivesse vendo, discretamente escondi as duas garrafas sujas nas calças e cobri a saliência com meu suéter comprido. Agora estava difícil andar normalmente enquanto tentava esconder as garrafas e segurar a coleira da cadela ao mesmo tempo. Ainda bem que faltavam só quatro quarteirões para chegar a casa.

Meu coração batia cada vez mais forte na medida em que me aproximava de casa. Ideias como esconder as garrafas em algum lugar ou correr apavorado, passavam pela minha mente, mas eu estava determinado. Nem mesmo considereei que estava roubando do meu irmão ou até onde esta fraqueza moral poderia me levar. Eu só queria. Não sabia o porquê, mas desejava desesperadamente aquilo.

Quando finalmente cheguei à rua da casa de meus pais com a coleira da Luminosa numa mão, garrafas de cerveja sendo seguradas juntas na outra, meu coração parou. A van do meu pai estava parada na frente de casa. Ele já estava em casa. Meu plano perfeito tinha um erro fatal. Eu tinha que tomar a decisão, ou de continuar com o plano e correr o risco de ser apanhado, ou de tentar sumir com a evidência na rua mesmo, na esperança de que ninguém me visse.

Sem me desviar do plano, logo aprendi algo sobre mim mesmo. Eu

podia esconder meu medo se focasse no objetivo final. Deixei Luminosa em seu canil, abri a porta da frente do nosso sobrado, disse oi para meu pai, sorri, e subi as escadas rumo ao meu quarto sem levantar suspeitas.

Todavia, no momento em que fechei a porta do meu quarto, instantaneamente a adrenalina baixou. Rapidamente escondi as bebidas, corri para minha cama e cobri minha cabeça com o lençol até que pudesse me acalmar. Eu já tinha alcançado metade do meu plano. Tinha conseguido o produto, ainda precisava consumi-lo sem ser apanhado.

Meu pai havia feito lasanha para o jantar. Eu sempre amava a comida do meu pai e a daquela noite era uma das minhas favoritas. Durante toda a refeição ninguém suspeitou de nada. Ninguém fazia ideia do que eu havia trazido para casa há pouco mais de uma hora. Eu me engajei numa conversa e meus pais até comentaram a boa atitude que demonstrei naquela noite. Eles sequer imaginavam a razão da minha alegria, mas estavam felizes por seu filho estar sorrindo novamente, estavam gratos por isso.

Naquela noite, depois que todos foram dormir e a casa estava de todo quieta, abri a gaveta onde escondi as garrafas um pouco mais cedo. Já eram 23:37, após olhar bem no relógio, trouxe a garrafa aos meus lábios. No momento em que a cerveja morna tocou minha língua, eu quis cuspir. Era repugnante! Cerveja *Busch Light* quente que estava enterrada no mato por vários meses!

Mesmo sendo um sabor horrível, os efeitos ainda eram os mesmos. Depois da primeira garrafa todos os meus medos misteriosamente foram embora. Esqueci-me do meu trauma da infância, esqueci-me de minha depressão e até esqueci que não tinha amigos. Naquela noite dormi melhor e mais pacificamente que todas as noites anteriores. É seguro dizer que curti minha primeira bebedeira.

Na manhã seguinte, muito cuidadosamente protegi meu novo *hobby* de qualquer exposição. Gentilmente coloquei as garrafas vazias em minha mochila e andei até a escola. No caminho joguei as garrafas num terreno baldio onde ninguém pudesse ver. Nunca esquecerei o sentimento que tive na classe aquele dia. Eu estava orgulhoso. Não estava orgulhoso de minha vida, mas porque meu plano foi bem sucedido e consegui me livrar. Minha nova

vida tinha começado.

Não demorou muito para encontrar outras pessoas na escola que gostavam de beber tanto quanto eu. Pela primeira vez na minha vida, encontrei amigos. Pessoas que queriam estar perto de mim, não porque podiam fazer piadas a meu respeito ou sobre meu peso, mas porque tinham o mesmo *hobby* que eu: o álcool.

Meus novos amigos e eu nos reuníamos sempre que possível nos finais de semana. Minha família começou a notar uma mudança rápida em minha vida. Minhas roupas mudaram, minha atitude mudou e meu foco mudou por completo. Antes, eu não queria sair de casa e agora, não queria ficar em casa. Às vezes, ficava longe de meus pais por tanto tempo que eles nunca sabiam com quem eu estava ou o que estava fazendo.

Algumas das mudanças mais rápidas que curti foram: os amigos, a liberdade e a intensidade da vida. Enquanto as mudanças negativas aconteciam, eu as aceitava e comecei a pensar que era normal consumir álcool todo final de semana. Descobri que estava sofrendo todos os dias da semana, esperando a liberação dos finais de semana.

Quando começou o colegial, comecei a notar que eu e meus amigos estávamos nos distanciando. Eles estavam focados no futebol e outras atividades escolares, enquanto eu estava mais focado em automedicação. Numa tentativa de continuar conectado me envolvi tanto quanto pude nas atividades escolares. Passava mais de 12 horas por dia no campus e comecei a trabalhar no mercado local meio período, para ganhar um dinheiro extra.

Entre levantamento de peso, prática do futebol, peças do colegial, coral e banda, eu estava um aluno bem envolvido. Recebi menções honrosas dos meus técnicos bem como dos instrutores. Superficialmente, a menos que me conhecesse, você diria que não havia nada de errado, mas por dentro, eu estava consumido pela dor, lutando desesperadamente para ser normal e aceito.

Na noite da nossa primeira dança no colegial, meu segredo seria exposto. A pedido dos amigos, saímos do baile mais cedo. Apesar de já estarmos bêbados por causa da vodca consumida no banheiro da escola,

decidimos que precisávamos de mais. Juntos, entramos em nossos carros e tiramos um racha para ver quem chegaria à festa primeiro.

Ainda posso me lembrar do olhar do Dan, quando pisou nos freios, tentando evitar o carro que vinha em nossa direção. Por um momento, parece que o tempo parou, ou correu em câmera lenta quando batemos naquela SUV. Batemos tão forte naquela SUV que capotamos por duas vezes no ar antes de nos precipitar morro abaixo até finalmente parar. Graças a Deus, os *airbags* funcionaram momentos antes de minha cabeça ser esmagada na janela de vidro.

Com a ajuda da polícia saí do carro destruído, aliviado em saber que ninguém havia morrido. Os dois carros ficaram destruídos, mas milagrosamente nenhum dos envolvidos sofreu ferimentos fatais. Assim que a polícia descobriu que havia álcool na situação, nosso segredo já não podia ficar escondido. Nós três fomos sentenciados a cumprir um programa de recuperação da substância.

O programa foi tão rápido quanto fácil. Todavia, com o encorajamento dos meus amigos tentei ficar o mais distante “das luzes” quanto possível. Já não podia beber em casa, pois as pessoas sabiam que eu tinha um problema. Os efeitos do álcool eram simples de notar e o cheiro fácil de perceber. Eu tinha um problema, pois precisava me automedicar, mas meus recursos estavam extremamente limitados.

Aproximadamente um mês após o drama daquele acidente, as coisas lentamente voltaram ao normal. Era ótimo poder passar meus finais de semana bebendo com os amigos de novo. Eu participava cada vez mais de festas e encontrava pessoas estranhas, porém interessantes.

Duas semanas antes da minha primeira peça no colegial, meu amigo Dave tinha uma surpresa pra mim. Eu nunca tinha visto antes e na verdade não entendia o que era ou como usar. Só tinha visto nos filmes e pensei que dava para ganhar bastante dinheiro vendendo. Meu trabalho parcial no mercado local não era o suficiente para manter meu hábito de beber, então eu estava à procura de meios de gerar uma renda extra.

“Quanto é?” Perguntei. “\$120”. Dave respondeu. Meu primeiro

pensamento foi “como eu vou conseguir pagar por isto?” Todavia tinha um mistério naquilo. Não conseguia tirar meus olhos e sem hesitação fiz a compra de algo que acreditava que mudaria minha vida. Pensei que estava investindo em meu futuro, e honestamente, eu pensei ter sido uma decisão inteligente. Saí do banheiro rumo à minha aula matinal de história sem um pinga de preocupação.

Dave havia me prometido uma carona de volta para casa após o treino de futebol, então, na mesma noite, nos encontramos no estacionamento da escola. Pegamos um desvio rumo a uma estrada de terra como fizemos muitas outras vezes. Normalmente para tomar algumas cervejas ou fumar uns cigarros, mas aquela noite foi diferente. Aquela noite eu e Dave tínhamos outros planos.

Quando ele parou o carro no lugar de sempre, ouvi Dave perguntar “Você tem aquilo que vendi pra você?” “É claro” respondi. “Legal. Pega que vou te mostrar como usar.” Quando Dave abriu a bolsa o cheiro tomou conta do carro como um incenso forte. O cachimbo dele era bronze e compacto. Após acender o cachimbo, ele exalou a fumaça ainda com as janelas fechadas. “Vamos esquentar isso aqui”, explicou.

Ao pegar aquele cachimbo carregado e o isqueiro, tive consciência plena da minha decisão. Tudo estava bem diferente das noites anteriores. Eu não tinha dúvidas que estava tomando a decisão errada, uma decisão que alteraria todo o resto da minha existência. Dei outra olhada para o cachimbo, então olhei para Dave e disse “bem, em breve serei um drogado desesperado morando nas ruas com uma agulha pendurada no meu braço, certo?” Nós rimos, mas parte de mim pensava que isso era bem possível de acontecer. Coloquei o cachimbo nos meus lábios e acendendo meu isqueiro exalei meu primeiro trago de maconha.

Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as pelejas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. No fim, morderá como a cobra, e como o basilisco picará. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades. E serás como o

que se deita no meio do mar, e como o que jaz no topo do mastro.

*E dirás: Espancaram-me e não me doeu, bateram-me e nem senti,
quando despertarei? Aí então beberei outra vez. - **Provérbios**
23:29-35*

Capítulo 3 - Inferno em Vida

11 de Setembro de 2002, 08h 39min

“Mr. Buscher, você tem o direito de permanecer calado. Tudo o que você fizer ou disser, poderá ser usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado. Se você não tiver um advogado, o Estado designará um para o seu caso. Você entende seus direitos?” O oficial perguntou enquanto os demais colocam algemas em meus pulsos e tornozelos.

Eu nada respondi; eu não conseguia. Eu estava em choque completo. Tinha só dezesseis anos e já estava sendo arrastado como se fosse um tipo de animal perigoso. Minha mãe tentava se conter enquanto meu pai tirava minhas irmãs de cena. Vou admitir: a prisão já estava garantida, mas o show de força demonstrado só tinha o propósito de me humilhar.

Um mês antes, a casa da minha família fora invadida e a minha micro boca de fumo foi destruída. Eu tinha passado os dois últimos anos vendendo maconha e outros narcóticos, fui deixado em prisão domiciliar enquanto esperava julgamento. Os termos da minha liberação eram simples: frequentar a terapia diariamente por causa do abuso de drogas, permanecer sóbrio e frequentar a escola. Todavia, tendo sido expulso faltando alguns dias para começar o ensino fundamental, eu estava agora em violação plena e sujeito a nova prisão.

E isto não poderia acontecer em momento pior. Todo o meu dinheiro estava na rua, não fui alertado e estava absolutamente despreparado. Tudo agora estava oficialmente perdido, agora eu só tinha a roupa do corpo. Enquanto a polícia me jogava no banco de trás da viatura, eu me lembrava do rosto da minha mãe, da vergonha que eu trouxe pra ela e para minha família. Ela teria que ir para o seu trabalho, uma enfermeira respeitada, sabendo que as pessoas já teriam ouvido falar do que aconteceu com o filho dela.

Nas três horas que se passaram, fiquei em silêncio. Fiquei assistindo a chuva cair na janela do carro enquanto os policiais pisavam fundo pela

estrada. Eles não me disseram para onde estavam me levando e eu também não perguntei. Tudo o que eu fazia era tremer de medo e me arrepender da decisão que me colocou naquela situação.

De longe já pude ver a torre de segurança e as cercas de arame farpado ao redor daquela fortaleza cinza. Eu quis chorar, quis implorar misericórdia; queria que minha situação fosse diferente. Sabendo que os policiais olhavam para minha reação pelo retrovisor, tentei parecer forte e calmo. Certamente minha sobrevivência dependeria desses momentos iniciais. Mesmo se quisesse derramar uma lágrima, eu não podia. Eu não consegui chorar por muitos anos, porque agora deveria ser diferente?

O oficial superior abriu a minha porta e então prosseguiu puxando minhas correntes, sinalizando para que eu andasse. Ao começar minha caminhada de vergonha que me levava aos muros da prisão, recusei-me a olhar para trás. Foi a hora de aceitar quem eu era e me adaptar aos novos ares. Era a hora de me tornar o presidiário número 70755134.

Os primeiros momentos na prisão são os piores. Eles removem o seu nome e dão um número. Tiram suas roupas e dão uniformes coloridos. Substituem seus sapatos por sandálias e escoltam você até sua pequena cela. Esta cela é seu novo lar por toda sua estada ali. Sem televisão, telefones, nem fotos. Somente a Bíblia, uns lençóis velhos e um travesseiro.

Nas primeiras horas fiquei sozinho. Eu não sabia, mas estava num momento de transição, esperando que a administração local concluísse os meus documentos. Tudo aconteceu tão rápido que não tive tempo de processar. Ouvi os gritos que vinham lá de baixo que congelaram meu sangue e chamaram minha atenção. A única coisa que eu pensava era “só tenho 16 anos, como tudo isso pode estar acontecendo comigo?”.

Quando o sol começou a se por no horizonte, procurei esquecer minha situação, enquanto tentava desesperadamente reafirmar para mim mesmo que aquilo seria temporário. Sem aviso, a porta da minha cela foi aberta: “Levanta seu...” disse um dos guardas, com uma expressão má em seu rosto. “Não olhe pra mim, olhe para a p... do chão” antes de poder responder, seu cassetete atingiu meu estomago e logo me arrastaram de minha primeira cela e me levaram para outra.

Não conseguia abrir os olhos, eu não queria que eles vissem o medo que me controlava naquele momento. Quando fecharam a porta da cela anterior, lentamente abri meus olhos para olhar meu novo companheiro de cela, Demarco.

Demarco e eu éramos de mundos diferentes. Ele era do interior e eu de uma pequena comunidade do centro-oeste. Ele tinha sido condenado a muitos anos pelos seus crimes, enquanto eu seria solto aos dezoito. Demarco era conhecido por ser violento dentro e fora da cela, enquanto eu era novo ali e completamente sozinho.

Eu não fui forte o bastante quando ele me atacou. Eu não estava preparado. Na primeira noite, depois que as luzes se apagaram, Demarco agiu. Enquanto empurrava sua mão contra minha boca, pressionava um objeto pontudo em minha garganta e dizia “fica com a boca fechada”. Quando comecei a lutar com ele, senti algo entrar no meu peito. Meus músculos se recusaram a funcionar enquanto caí coberto por meu próprio sangue. Os guardas devem ter ouvido o tumulto, pois quando acordei já estava sendo suturado na enfermaria da prisão.

Após minha primeira noite na enfermaria, fui colocado na solitária. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, totalmente sozinho naquela cela. Mesmo com uma Bíblia a menos de um braço de distancia, ainda me recusava a reconhecer o Livro. Ainda me recusava a ler, mesmo que fosse para entretenimento.

Quando meu pai e minha mãe vieram me visitar, inicialmente eu só conseguia chorar. Não conseguia falar para eles o que havia acontecido, eles não entenderiam. Eles só deixaram minha situação ainda pior. Só conseguia dizer “Por favor, tirem-me daqui. Por favor. Por favor, eu imploro. Tirem-me daqui”.

Depois de dois meses, meu advogado finalmente conseguiu agendar minha transferência para outra cidade. Era uma instituição de nível mais baixo onde eu teria oportunidade de aproveitar meu tempo, enquanto continuava os estudos e me submetia a vinte e quatro horas de terapia pelo abuso de substâncias químicas.

Prosperiei nesse novo local. Ele era completamente diferente do primeiro. Recebi uma oportunidade e estava com a intenção de permanecer ali. Meu advogado me alertou que se houvessem quaisquer incidentes, eu seria levado de volta para o primeiro local para sentença máxima permitida.

Durante os dois primeiros meses mantive a boca fechada e a cabeça baixa. Ficava de olho aberto e esperava para executar meu plano. Falava as palavras certas, mostrava as emoções certas e estrategicamente tornei-me um residente confiável naquele lugar. Mostrei uma grande melhora não somente para o pessoal, mas também para minha família quando me visitavam. Ninguém suspeitou de meus próximos movimentos.

Durante a época de Natal minha família teve permissão para me visitar sem supervisão. Era a oportunidade que eu esperava. Durante o último mês estive testando as limitações da segurança e me senti confortável com o novo plano de fuga que desenvolvi. Usando o celular do meu pai, sem seu conhecimento, me comuniquéi com alguém que me pegaria em data e local específicos. Tudo estaria organizado e esperando minha chegada.

27 de Dezembro de 2002

Acordei cedo para ter uns minutos extras e organizadamente arrumar os lençóis de minha cama. Olhei para o espelho e sorri “é hora do jogo” pensei comigo. Escovei os dentes na pia particular e com calma andei pelo corredor como se fosse um dia comum. As câmeras estavam sempre gravando tudo, e a mais leve hesitação ou aceleração de meu ritmo alertaria a equipe de que algo estava estranho comigo naquele dia.

Durante todo o dia precisei ser muito cuidadoso. Mesmo durante os momentos de aula e refeição eu precisei estar em alerta. Até a mais simples alteração no meu cronograma destruiria meu plano de fuga. Depois da última refeição do dia, as horas quietas chegariam. Durante esses momentos o pessoal fazia a verificação das camas a cada trinta e cinco minutos, iluminando com uma lanterna nossa pele para confirmar nossa presença no local, como era exigido pelas leis estaduais e federais.

Eu podia ouvir o guarda noturno fazendo sua ronda silenciosamente em cada corredor. Pelos movimentos anteriores isso queria dizer que agora eram exatamente 22:05. A aproximadamente três quilômetros dali, numa fazenda abandonada, um carro estaria esperando pela minha chegada às 23:30 em ponto. Se eu me atrasasse ou a policia descobrisse, o carro tinha sido instruído a abandonar o plano e sair de cena. Esta era minha única oportunidade de fuga. Tudo deveria ser exato, perfeito. Se eu fosse apanhado, uma sentença de cinco anos seria acrescentada pela tentativa de fuga. É seguro dizer que eu tinha razão para estar no limite aquela noite.

22:07, a luz brilhou em minha porta e a luz no meu rosto foi aceita e o guarda passou para a próxima cela. Lentamente passei meu colchão para o chão. Eu tinha que remover o dinheiro que eu havia escondido nele nos últimos meses. Não era uma fortuna, mas era certamente o bastante para minha passagem para a liberdade. Após retirar o dinheiro silenciosamente, me vesti com as roupas mais quentes que pude pegar e voltei rapidamente para a próxima checagem de cama.

22:40, o guarda passou mais cedo. Eu não tinha tempo suficiente para desacelerar a respiração, fazendo com que o guarda suspeitasse e ficasse iluminando a cela. Ele procurava algo, qualquer coisa que lhe desse motivo para abrir a porta e revistar meu quarto. Trinta segundos se passaram e ele continuou olhando, “pare de respirar” disse a mim mesmo, “acalme-se ou a coisa vai pegar”.

Por algum milagre a coluna de luz de sua lanterna passou e ele foi para o próximo quarto. Eu precisaria esperar mais cinco minutos para que ele saísse do corredor e estivesse longe o bastante para não ouvir o som que viria depois.

22:47, usando os lençóis para embrulhar alguns suprimentos para minha jornada, tais como roupa extra, dinheiro e uma arma caseira, joguei sobre meu ombro e silenciosamente engatinhei até a janela. Estou a mais de oito metros acima do chão e menos de 40 minutos até que minha janela de oportunidade vá embora. Não tenho escolha ou outra opção. É agora ou nunca. O mais rápido possível, coloquei os lençóis em meu peito, cobri a cabeça e então violentamente mergulhei pelo vidro rumo à total escuridão.

Bati com tudo no chão e senti a dor em todo o meu corpo. Quero deitar ali e me entregar, mas com o soar do alarme, para meu desespero meu coração salta e a adrenalina vai até os pés. Meu pé esquerdo não dobrou “devo ter tido uma distensão quando cai” pensei enquanto corria o mais rápido possível rumo às sombras das árvores sob a vaga luz da lua.

Posso ver o brilho vago do vidro carro que espera a minha chegada. “Não estou tão atrasado”, pensei com a respiração ofegante. Mancando naquele chão congelante do inverno, à distancia consigo ver as luzes da policia na cena do crime. O homem no carro sinaliza para que eu seja mais rápido enquanto teme por sua própria segurança. “Onde eles estão? Entre no porta-malas” ele gritou. “Ainda não tem ninguém me seguindo, mas não devem estar muito longe” respondi.

Quando o porta-malas se fecha e o carro discretamente se move, a ironia da minha situação me golpeia. Troquei uma cela por outra esta noite. Minha nova cela era o porta-malas de um carro que estava tentando se colocar ao máximo de distancia da prisão. A diferença é que esta cela era familiar. Este carro pertencia ao meu melhor amigo e eu sabia para onde estava indo. Eu estava voltando para as ruas.

Quando o sol começou a surgir no céu, eu pude ver os raios de luz entrando pelas pequenas rachaduras na estrutura imperfeita do carro. Tínhamos dirigido toda a noite e já era quase hora de parar para abastecer. A essa altura já estávamos longe o suficiente e eu podia sair do porta-malas e entrar no carro com meu amigo. Quando o carro parou, ouvi a porta abrir e vi seu rosto familiar. “Jack, meu amigo mais leal, como você está?” eu disse com empolgação.

Não trocamos uma palavra durante toda a noite. Fiquei aliviado por abraçar meu amigo e sentir o ar puro naquela estrada abandonada. Ao entrar no carro, um pacote de boas-vindas me esperava sob o banco: cigarros, cerveja e uma pequena variedade de narcóticos. Este era o meu tesouro, a razão da minha fuga.

Depois de minutos aproveitando daquelas coisas, toda a minha dor e medo mais uma vez foram embora. Eu estava curtindo a estrada aberta e tinha intenção de permanecer escondido. Eu agora era um homem procurado, e

qualquer um apanhado comigo poderia ser condenado por esconder um fugitivo. Eu não poderia contatar amigos ou familiares sem deixá-los em risco. Mesmo se eu quisesse, eles mais que provavelmente tentariam me mandar de volta para a minha cela na prisão, ao invés de me deixar morrer nas ruas por causa dos perigosos narcóticos nos quais eu estava me acabando.

Assim como todas as coisas na vida, nada dura para sempre. Como um garoto de dezesseis anos, procurado pelas autoridades, perdido nas drogas e ficando sem dinheiro, eu estava destinado para a destruição. Após apenas quatro dias de abusar do meu corpo com toda a química que você puder imaginar o carma finalmente me alcançou. Provei opiácios pela primeira vez e nem preciso dizer que abusei da quantidade. Minha primeira overdose oficial aconteceu no banco traseiro de um carro na Rodovia 18 West Bound.

Temendo perder a vida, fui entregue às autoridades para tratamento médico e voltei em segurança para a mesma instituição de onde fugi. Até hoje não entendo como meu advogado burlou o juiz para que me permitisse voltar ao invés de me dar segurança máxima, mas uma coisa é certa, ganhei uma nova oportunidade. Uma oportunidade que não merecia, mas pela qual fiquei extremamente grato.

Em meu retorno fiquei na cama por vários dias. Graças a Deus tive tempo para ganhar energia antes de encarar os colegas. Desta vez, este tempo de separação me fez sentir solitário. Era possivelmente a melhor técnica que eles já usaram. Pude refletir sobre minha vida e escolhas sem nenhuma interrupção. Eles continuavam a me informar que eu fora aceito ali somente por um período probatório. Os tribunais ainda discutiam onde me deixar definitivamente. Se eu quisesse continuar ali, e não voltar para a prisão, eu precisaria provar que merecia – e bem rápido.

A princípio fiquei nervoso, pois não gostava de ficar preso, mas parte de mim sabia que eu precisava de ajuda. Eu não queria ser criminoso ou drogado. Tudo o que sempre quis, foi ser aceito e normal. Muitas das minhas más decisões estavam baseadas no egoísmo e cobiça. Mas agora eu queria ajuda, mas não sabia como ter ajuda de verdade.

Por alguma razão pensei em um homem que trabalhava naquela

instituição. Dave, ou Pastor, como alguns o chamavam, era um cristão. Ele sempre parecia estar cheio de alegria e nos tratava diferente dos outros. Ele tentava trazer alegria em meio às trevas que eram nossas vidas. Até aquele momento eu tinha rejeitado suas tentativas, mas nesta noite eu não conseguia parar de pensar nele.

Naquela noite tive um sonho. Vi todos os meus amigos e parceiros de negócios ao meu redor. Violentamente me amarraram numa estaca e começaram a me bater. Chamavam-me de traidor e cuspiam em meu rosto. Um homem bem próximo a mim puxava meus cabelos enquanto ria com muita alegria e satisfação. “As trevas estão chegando, as trevas estão chegando” uma senhora sussurrava em meu ouvido enquanto me apunhalava no rim com algo pontudo.

No momento que aquilo entrou na minha carne, eu estava mais uma vez tremendo em minha cama. “É só um sonho”, comecei a garantir para mim mesmo. Tentando permanecer de pé, percebi que algo estava errado, eu não me movia. Nem os braços, nem as pernas, não conseguia mover nada. Minha primeira reação foi clamar por socorro, mas minha voz não saía. Alguma coisa havia paralisado cada milímetro do meu corpo. O medo estava me controlando por recusar me deixar ser livre.

Enquanto travado naquele estado de pânico, só conseguia pensar no Pastor Dave. Não conseguia falar, nem me mover. Só conseguia pensar. No momento que tentei falar uma palavra de socorro, somente uma palavra saía da minha boca: “JESUS”. Assim que a palavra saiu dos meus lábios, meus braços e pernas ficaram livres.

Ao acordar do sonho na manhã seguinte, eu era um homem transformado. Aquele pequeno sonho me deu a força que precisava para dar uma chance de verdade àquela instituição. Comecei a escutar meus instrutores e me tornei excelente nas tarefas que me davam. Após os oito meses de progresso diligente, o tribunal me deu a liberdade. Meu advogado até mesmo conseguiu convencer o tribunal a arquivar meu caso, a partir dos meus dezoito anos, para que meu futuro não fosse julgado pelos erros do passado, da minha juventude. Eu estava então com dezessete anos de idade, com colegial terminado, totalmente livre e com a oportunidade de uma nova vida.

“Como o cão torna ao seu vomito, assim o tolo repete a sua estultícia” - Provérbios 26:11

Capítulo 4 - Eu Consigo Sozinho

“Bem-vindo Chris”, disse Anne, minha irmã caçula. Ela já não me via por alguns meses, e o irmão que havia saído era um monstro, para não dizer pior. “Mamãe, Sadie e eu vamos brincar lá fora”, ela disse enquanto correu para a porta com sua amiguinha. Eu podia entender o porquê dela ainda ter medo de mim. A última vez que ela me viu eu tinha uma faca na mão, próxima de seu punho e ameaçava cortar a mão dela.

Eu estava cheio de vontade de mudar, tinha as melhores intenções, mas algo ainda faltava em minha vida. Por fora eu estava limpo e sóbrio, mas por dentro estava perdido e envergonhado. Como uma bola sendo segurada debaixo d’água, é só uma questão de tempo antes de voltar à superfície e causar uma explosão de água ao ar com grande força. Eu era uma bomba relógio, pronta para explodir a qualquer momento.

Com poucos dias tentando segurar meus sentimentos, fiz minha mochila e decidi ir embora da casa de minha família. “Eu já os expus a muita coisa”, eu pensava, enquanto arrumava minhas coisas com muito remorso. “Eu vou conseguir sozinho”, disse para minha mãe enquanto ela insistentemente tentava me convencer a ficar. “Você só tem dezessete anos, não tem dinheiro, e saiu recentemente da prisão do estado. Para onde você acha que vai?” minha mãe perguntou desesperada.

Eu não consigo imaginar a dor que ela sentia quando lhe dei um beijo no rosto e deixei o lar da minha família naquela quarta-feira à tarde. Ela estava certa, eu não tinha nada e nenhuma oportunidade me esperava. Meu único consolo, era saber que eu estava fazendo a coisa certa ao não permitir que minha família visse eu me destruir diante dela.

Gastei os últimos vinte dólares em dois pacotes de cigarro, meia garrafa de vodca e então parti na estrada do desespero. Minha única moeda agora era a manipulação, para mim, a manipulação era uma ferramenta que aprendi a usar nas ruas para tirar das pessoas o que eu quisesse, antes que elas percebessem que estavam sendo enganadas.

Comecei dormindo no sofá da casa de um traficante, enquanto trabalhava pra ele para poder pagar pelas minhas drogas. A droga que ele vendia não vinha do México ou de qualquer outro país, ele mesmo fabricava. Este novo pó era tão lucrativo quanto destrutivo. Sendo feito em sua grande maioria de produtos usados em casa, era relativamente barato para se produzir, mas muitas vezes vendido mais caro que a cocaína das ruas.

“É caro por causa dos muitos riscos envolvidos”, ele explicava. “Um passo errado, um acréscimo errado na receita e a casa arde em chamas.” “Confiar na pessoa errada nos coloca na cadeia por cinquenta anos” Pat me alertava. Ele me ensinou uma habilidade que me ajudou a sobreviver por anos nas ruas, me ensinou a preparar muito bem cristal (metanfetamina).

Da primeira vez que experimentei metanfetamina, fui dominado pela sensação dos elementos químicos venenosos. Não fosse pela sensação imediata subsequente, eu teria vomitado. Antes desse momento, eu já havia provado qualquer droga que se possa imaginar, mas nada se comparava com a viagem instantânea do cristal. A cada vez ela mandava ondas de prazeres de energia para cada parte do meu corpo. Era como se eu pudesse pensar com mais clareza, realizasse mais e segurasse meu apetite.

Com semanas de uso diário, deixei de dormir e basicamente deixei de comer definitivamente. Logo comecei a perder peso e meus dentes a apodrecer, bem como meu suor começou a parecer urina de gato. Eu não sentia nada, mas temia ver meu reflexo no espelho, eu vivia basicamente para a próxima viagem.

Com um hábito que custa mais de trezentos dólares por dia, você rapidamente aprende a matar sua consciência antes que ela mate você. Sem remorso, eu roubava todo mundo e pegava qualquer coisa de valor ao meu alcance. Não importava se era grande ou pequeno, eu roubava. A necessidade de encher a agulha grudada em meu braço era a única prioridade em meu mundo. Cada ato de violência e cada grama injetada em minhas veias, ajudavam a esquecer quem eu era e no que havia me tornado.

Não demorou muito para a polícia parar de brincar de “prende e solta” comigo. Sendo conhecido em diferentes cidades por minhas travessuras, agora era prioridade do governo local me eliminar para o bem de todos. Eles

se cansaram de minhas ofensas costumeiras e estavam esperando a hora certa para criar um caso.

“Levanta! Levanta!”, foi o que eu ouvi enquanto chacoalhavam meu corpo. “TJ, o que você quer?” respondi. “Preciso de sua ajuda, pega umas sacolas, algumas ferramentas e me segue”, ele disse. Naquele momento eu não sabia o que estava acontecendo. Eu tinha capotado naquela hora, depois de quatorze dias sem dormir, e me recusava a levantar do meu sono.

Aparentemente, ele havia descoberto um cofre durante uma de suas farras, vandalismo, roubo e achava que o conteúdo iria nos ajudar a montar o próximo esquema. Depois de continuamente me recusar a ajudá-lo neste roubo em particular, ele prosseguiu sem mim. Eu já estive com ele em muitas vezes antes e já tinha até feito coisa pior, mas essa era justamente uma daquelas noites que eu não conseguiria realizar uma tarefa sequer.

Ao despertar na manhã seguinte fiquei cheio de ira ao ver nossa casa. Nós a havíamos destruído, com muitos meses de festa e nenhum esforço para limpar, o que já havia sido uma linda casa. Tinha lixo por todo lado: garrafas quebradas, sacolas vazias e agulhas sujas. Nós morávamos em nossa típica cova de drogados rodeados por lixo de todo o tipo. Não fiquei surpreso, isso era normal pra mim. Eu estava irado, irado por meu irmão ter feito algo tão sem cuidado.

Eu o encontrei desmaiado no porão coberto de barro, rodeado de evidências do que havia acontecido enquanto eu dormia. “TJ, qual o seu problema? Onde você estava? O que você fez?” Eu gritava enquanto o agarrava e violentamente e o jogava de um lado para o outro. Ele não precisava responder. De alguma forma eu já sabia. Antes mesmo de ele soltar as palavras, eu sabia que estávamos prestes a ser presos. Era só uma questão de tempo.

Tão rápido quanto pude, comecei a destruir a evidência. Eu precisava ser rápido e eficiente antes que as portas fossem arrombadas e todos nós levados. Após enfiar tudo em sacos plásticos pretos, levei para além dos limites da cidade. Tendo realizado o exato procedimento muitas vezes nos últimos anos, isso já tinha se tornado minha natureza e quase instintivo.

Ao chegar em casa, fiz todo mundo que não estava diretamente envolvido no roubo ir embora. Precisávamos criar um álibi sólido, uma estória que a polícia não pode rastrear para escaparmos do inevitável. Após alguns momentos sem ideia que prestasse, decidimos que seria mais fácil pensar se estivéssemos drogados.

Enquanto eu saía da casa numa tentativa de conseguir outro pacote da nossa rica cristal, algo no canto do olho me chamou a atenção: era tarde demais. A polícia já tinha chegado. Meu carro estava bloqueado na rua e a casa fora silenciosamente cercada.

“Saia do carro e coloque as mãos onde eu possa ver ... AGORA!” gritou o policial com voz autoritária por trás de mim. Pausei por um momento e concluí que não havia opções. Qualquer maior hesitação ou decisão compulsiva poderia resultar em tiros. Vendo a polícia arrastar meu irmão para fora da casa, entendi que era hora de me render. No processo de me empurrar até o capô do carro, uma agulha caiu do meu bolso e então me revistaram. Lamentavelmente, os policiais encontraram drogas e armas o bastante para me darem mais cinco anos na cadeia. Eles me queriam e agora, finalmente me tinham.

Mais uma vez eu ouviria as palavras; “Você tem o direito de permanecer calado, tudo o que disser será usado contra você no tribunal.” Ouvir meus direitos serem lidos enquanto me colocavam as algemas, me ajudou a colocar a vida em perspectiva. Eu estava perdido, e minha vida tinha acabado. Ódio e ressentimento foram suprimidos pela metanfetamina que havia usado momentos antes, mas lá no fundo, eu sabia que logo eles viriam à tona.

Os oficiais me levaram à delegacia onde me colocaram naquela cadeira azul. Eu já tinha sentado naquela cadeira inúmeras vezes. Quando senta nela, você é tratado como um nada. A temperatura é extremamente baixa e não oferecem nada para beber enquanto você espera o inquérito. Durante momentos como este, minha mente começa a correr; como posso torcer a verdade, como posso escapar e não voltar para a prisão?

“Sr Buscher, meu nome é oficial Briggs, você entende as acusações feitas contra você?” ele resmungou como se eu pudesse esquecer o nome

dele. Mas é claro que me lembro do nome dele. Ele tem sido o oficial que me prendeu por doze vezes com esta, nos últimos três anos. “Você acha que eu estou muito drogado, Sr. Briggs?” , respondi. “Vamos acabar com isso logo” concluí.

Enquanto minutos se tornavam horas ficou muito claro para mim o que eles queriam. Eles estavam me pressionando muito com pensamentos de um futuro perdido e ameaças de todos os tipos. Com todo o desespero que estava no ar, o oficial Zeb sussurra: “Há uma saída nisso, Sr. Buscher, a gente sabe que você não estava lá. Outras testemunhas dizem que você tentou evitar esta situação, que ficou até nervoso por isso ter acontecido. Tudo o que precisamos de você é que confirme o testemunho de uma testemunha que está colaborando e você pode ir para casa, livre.”

Mesmo drogado como eu estava naquele momento, eu entendi claramente o que eles estavam pedindo. Eles queriam que eu tomasse uma decisão: pagar mais cinco anos pelas drogas somadas a outros crimes por ajudar a cobrir os crimes do meu irmão, ou simplesmente entregar meu irmão e ficar livre no mesmo dia. Eu não conseguia falar, eu estava perdido, aturdido e confinado. Eu sei que minha decisão aqui neste dia afetaria o resto da minha vida, não importando o que eu escolhesse. “Vamos dar um tempo para você pensar em seu futuro, se você quiser ter futuro”, disse Briggs, e com isso, ambos saíram e me deixaram a sós com meus pensamentos.

Paralisado por pensamentos, eu ia e voltava para minha consciência. Já havia algumas horas que eu tinha usado cristal e ela estava agora começando a cobrar. Comecei a entrar na fase de precisar usar novamente e sabia que se não usasse logo, a dor e desconforto seriam minhas menores preocupações.

Quase caindo de sono, a porta de metal da sala de interrogatório abriu-se repentinamente. O oficial Briggs estava acompanhado de outros dois homens. Um deles eu reconheci. Era o oficial Zeb, mas o careca usando um terno barato não tinha visto ainda. Uma simples olhada para ele já deixava claro que ele era tão falso como a colônia podre que ele tinha usado. Enquanto ele se aproximou arrogantemente da mesa, não pude fazer outra coisa senão notar que tudo nele apontava para o fato de que ele estava ganhando mais do que sua existência patética merecia.

“Meu nome não é importante, o que é importante é que você assine seu nome nestes documentos em minha mão”, ele disse. Ao dar uma rápida olhada, já entendi que mesmo sem meu testemunho eles já tinham uma pilha de evidências contra nós. “Como eles conseguiram tantos detalhes tão rápido?”, pensei, enquanto minhas mãos tremiam incessantemente.

Enquanto uma única lágrima rolava, minha cabeça cedeu quando tentava pegar a caneta. Era este momento de fraqueza que eles estavam esperando, e eu lhes dei a oportunidade. Entreguei a eles exatamente o que eles queriam, literalmente, entreguei a eles meu irmão.

Ao sair da delegacia, eu pensei que estaria livre como eles haviam prometido. Pensei que poderia voltar para casa, colocar uma agulha no braço e esquecer que o hoje aconteceu. Eu estava errado. Do momento em que a porta se fechou e eu fui liberado nas ruas, estava rodeado por uma devastadora nuvem de culpa e vergonha.

Eu não fiz nenhuma ligação e não informei a ninguém que estava solto. Peguei outra rota para chegar em casa para não ser notado. Estacionei meu carro a dois quarteirões e me arrastei pela porta dos fundos da nossa casa escura. Sem acender as luzes, desci até o porão. Ali, sozinho, no escuro me permiti finalmente sentir a dor.

Chorei alto e incontrolavelmente. O peso da situação me acertou como uma tonelada de tijolos caindo do céu. “Não foi esta liberdade que me prometeram! Que tipo de animal entregaria seu próprio irmão? Eu deveria estar na prisão com ele, mas não, estou aqui, escondido no porão, sozinho e com medo.” As palavras vinham através das lágrimas como se alguém estivesse ouvindo minha confissão.

Instintivamente engatinhei até meu esconderijo onde as agulhas estavam guardadas. Enquanto me preparava para injetar mais do veneno que estava destruindo minha vida, como numa entrega gritei: “Agora é só você e eu. Já te entreguei tudo. Agora entendo as dores do vício, maldita metanfetamina....”

“O ladrão vem senão para roubar, matar e destruir.... ele é

mentiroso e pai da mentira ...” - João 10:10; 8:44

Capítulo 5 - Além da Esperança

18 de Dezembro de 2005

“Você tem certeza que isso vai funcionar?” perguntou Ziggy. “Por que precisamos pegar tantos? Não estou muito certo disso, Chris.” Disse Dustin, apoiando a dúvida de Ziggy. Dustin e Ziggy eram uma dupla de almas perdidas, que me seguiam a caminho do inferno. Já nos conhecíamos há alguns anos e mais recentemente começamos a morar juntos para apoiar um ao outro no consumo de drogas.

“Cale a boca e confie em mim”, eu disse dando ordem como líder do grupo enquanto engolia minhas pílulas. Era a primeira experiência deles com esta droga, mas não era a minha. Eu havia sido apresentado ao DXM (dextrometorfano) há muitos anos enquanto desesperadamente tentava uma “viagem” em época de orçamento apertado. DXM é um narcótico ilegal, mas pode ser encontrado em muitos medicamentos contra a tosse. Os efeitos eram similares às minhas experiências com heroína e ácido, com toda a intensidade. Todavia, esta não era minha razão para o consumo de grandes quantidades.

Semanas antes desse dia eu tinha lido um estudo recente sobre os efeitos do medicamento que continha o DXM desejado. O relatório dizia: uso frequentemente abusivo provoca o desenvolvimento de cavidades no cérebro, contribuindo assim para a perda de memória permanente. Outros efeitos colaterais: falência de órgãos, falência do rim e finalmente, morte. Para um homem cuja própria sombra era coberta de remorso por seus erros do passado, esta parecia ser a oportunidade perfeita para esquecer tudo de uma vez por todas.

Às 11:32, nós três fizemos um círculo e ingerimos aqueles remédios. Para ter os efeitos desejados cada um precisava consumir 16 pílulas. Quem não era experiente no consumo de drogas, pensaria duas vezes antes de consumir tanto. Todavia, sabíamos o que éramos, não éramos homens de negócios em ternos ou cidadãos trabalhadores honestos. Éramos viciados em

drogas e orgulhosamente nos considerávamos drogados profissionais.

Após ingerir as pílulas relaxamos no chão tomando cerveja quente da depravação da noite anterior. Enquanto os minutos passavam eu podia ver a dúvida sendo gerada nos olhos desesperados deles. O suor que descia pelas palmas das mãos, enquanto nervosamente as esfregavam em suas roupas imundas. Nossa existência era instável e esperávamos pela primeira oportunidade para chegar ao fim.

Quando meu estômago começou a roncar, meu suor descia mais oleoso pelo meu rosto cheio de espinhas. Era como se eu estivesse numa fornalha com suprimento sem fim de combustível para o fogo. Com o aumento da temperatura do meu corpo, minha vista começou a falhar. De repente senti a necessidade de vomitar e comecei a engatinhar para o banheiro aberto para não piorar o ambiente. Antes mesmo de minha boca se abrir os ácidos foram lançados fora por meu maxilar deteriorado no chão podre. Nunca tinha vomitado tanto e com tanta força em minha vida. Apesar de a dor ser intensa, vomitando tão rápido, a temperatura do meu corpo pareceu baixar. E naquele exato momento a pressão começou a ser liberada.

Deitado ali, em meu próprio desgosto e completamente encharcado nos fluídos do meu corpo, naquele pequeno apartamento, eu e meus amigos acabamos descobrindo uma coisa. Embora sendo único, cada um dos três havia passado as doze horas num estado alterado de existência, inteiramente cativos em nosso próprio mundo fantasioso. Eu não sabia quem era ou o que estava fazendo. Fiquei totalmente entorpecido em relação ao meu passado, presente e futuro. Encontrei as chaves da porta espiritual que tão desesperadamente queria abrir e entrei naquela sala em alta velocidade.

Com o passar das horas, minha existência no mundo que eu havia deixado, lentamente começava a voltar. A cada minuto eu recobrava as forças e sabia que logo teria a habilidade de andar novamente. Pensei um pouco em deixar meus camaradas e sair pelas ruas à procura de mais pílulas, mas acreditei ser melhor esperar a recuperação deles na esperança de que pudessem se unir a mim. Foi unânime. Nem precisei pedir. Eles queriam tanto quanto eu precisava.

Nervoso, procurei pelo relógio de pulso de ouro que meu avô havia

me dado. Era minha única posse nesse mundo. “São 23:15”, gritei. “Levantem-se, vamos! Corram antes que a loja feche”, continuei. Numa tentativa desesperada de conseguir mais remédios, nós três corremos rua abaixo ainda sob a influência daqueles narcóticos muito fortes. “Como Dustin consegue dirigir? Eu mal consigo andar”, pensei comigo, mas logo meus pensamentos foram redirecionados para o objetivo que era outra dose.

Após muitos momentos de apagões e batidas quase fatais, finalmente chegamos ao nosso destino. Dei um chute na porta do carro – um Chevy Impala enferrujado – corri para meu objetivo como um campeão com a vitória diante de seus olhos. No momento em que meu pé tocou o chão todo o peso do meu corpo foi junto; minhas pernas estavam tão fracas que não podiam me apoiar e meu corpo caiu ao chão. “Levanta! Corre, Chris” disse Ziggy enquanto agarrava meu braço com Dustin tentando me ajudar.

Parecia que horas se passaram enquanto tentava chegar às portas automáticas do Walmart, mas na realidade somente alguns minutos haviam passado. Estávamos trôpegos e nossos movimentos eram robóticos como de zumbis fascinados pela ideia de consumir mais e mais. Tenho certeza que parecíamos como coisas que vieram direto dos filmes. Não sei por que não chamaram a polícia, ou por que os funcionários continuavam a nos vender os remédios. Mas enquanto eu segurava as caixas da droga em minhas mãos, a força voltou e com a graça e estabilidade de um soldado marchando uniformemente, voltei para nosso carro pronto para consumir nosso espólio.

Escalar de volta ao carro não foi tarefa fácil. “Ai! Isso ia doer se eu conseguisse sentir dor”, pensei ao bater a cabeça e braços em diferentes partes do carro enquanto me movimentava entre bancos e lixo acumulado no carro por meses, que não nos incomodava. “Dustin, você sujou meu jeans de mostarda. O que acha de limpar essa merda de carro?” eu disse com repulsa pela situação na qual me encontrava. Não importava quão repugnante eu me sentia pela forma como estava vivendo, mas a ideia da vida sem drogas me forçava a aceitar as condições de outras pessoas.

“Mostra pra mim” exige. Com muito orgulho, Dustin e Ziggy me mostraram o que estavam fazendo enquanto eu distraía os funcionários comprando quatro caixas de Coricidin. Em cinco minutos eles pegaram vinte e duas caixas e esconderam em suas calças. Agora tínhamos vinte e seis

caixas, ou quatrocentos e dezesseis comprimidos de DXM. “Cada um de nós agora poderia ficar alucinado por mais oito vezes” eu disse, quando o sentimento de alívio encheu o carro. Compartilhamos uma cerveja quente, escondemos os comprimidos e voltamos para a segurança do apartamento do Dustin como ratos fugindo da tempestade.

Passamos o dia todo enfurnados no apartamento tropeçando em comprimidos enquanto nossa mente, lentamente nos abandonava. Após a terceira viagem de doze horas pelo mundo do DMX, nos esquecemos completamente da realidade. Havíamos nos tornado escravos desta nova droga e continuamente tentávamos empurrar os limites para o próximo nível. A quantidade de comprimidos que roubamos deveria ter durado dias, mas não foi assim. Precisávamos de mais e mais, para alcançar os efeitos desejados.

Nossa tolerância havia saltado de dezesseis para trinta e dois comprimidos a cada doze horas e nosso estoque estava perigosamente limitado. É quase inimaginável como nos tornamos estranhos nas últimas trinta e seis horas desde que nos aventuramos na sociedade. Claramente desidratados, rostos fundos e passos desorientados, pisávamos forte no único movimento permitido pelo DXM. Víamos tudo diferente, nada era o mesmo e nada importava, exceto a expectativa por mais e mais DXM.

Do que eram apenas três minutos do apartamento para o carro do Dustin, agora era um obstáculo de uma hora. Com toda a determinação tentávamos colocar a chave no contato, mas mesmo com a assistência que dávamos uns aos outros, parecia impossível. Num breve momento de clareza entendemos que já não podíamos dirigir nenhum veículo motorizado, muito menos andar para qualquer lugar sem ajuda.

Sentados no carro, num frio congelante com montes de neve e gelo ao nosso redor, uma amiga nos viu à distância. “Por onde vocês estavam?” perguntou Sarah enquanto tentava abrir a porta. Sarah nos conhecia há muitos anos, mas por alguma razão nunca percebeu a dimensão total do nosso vício. Talvez por que ela mesma ocasionalmente bebia e experimentava drogas mais leves. Zombando respondi “não sei por onde estávamos, mas sei para onde estamos indo.”

Após exigir que saíssemos do carro e fôssemos com ela, concordamos

acreditando que ela poderia nos ajudar. Ela não entendeu a razão de querermos ir à loja ou o que tentávamos realizar. Ela era meramente uma amiga tentando nos salvar de nossa destruição, ingenuamente acreditando que se ela se tornasse nossa babá não nos mataríamos ou a outra pessoa num acidente de carro. Por fim ela se tornou nossa motorista e juntos saímos do estacionamento com uma missão.

Não tínhamos dinheiro e quase não podíamos andar, mas nunca subestime o desespero de um drogado que já não tem nada a perder. A uma hora do apartamento onde uma vez estávamos presos, estava outra cidade com várias lojas que vendiam o medicamento que procurávamos. Começamos pelo lado norte e fizemos todo o caminho até a ponta sul. Paramos em cada loja que havia no caminho. Das lojas grandes e óbvias como Walmart e Target, até pequenas vendas e farmácias 24 horas. Para evitar que percebessem facilmente e pela possibilidade de sair com mais produtos, tirávamos os comprimidos da caixa antes de sair de cada loja. Sem poder comprar qualquer coisa, caminhávamos em cada loja focados em nossa missão, saindo em, no máximo, cinco minutos. Enchíamos nossas calças de remédios e deixávamos uma bagunça de caixas em cada corredor das lojas que não eram suspeitas.

Ao fim do dia já não havia mais lojas para entrar e nossos corpos pediam pelo medicamento. A menos que os donos das lojas tivessem caixas reserva escondidas, nós deixamos uma cidade de cinquenta mil pessoas totalmente sem Coricidin.

Agora eram 22:03 e Sarah queria nos levar para casa. Ela ainda não tinha ideia do que fazia parte agora. Após nos deixar no prédio do Dustin, tentei sair do carro com um grande saco de lixo preto. Uma vez que eu não estava fisicamente capaz de subir as escadas, mais uma vez Sarah me ajudou.

No momento em que a porta do apartamento se abriu, todos caímos ao chão cheios de alegria, pulando sobre o misterioso saco de lixo preto. “Que porcaria tem nesse saco?” Sarah questionou. “Não interessa! Não se preocupa, não é nada”, replicamos. Nervosa, ela arrancou o plástico da nossa mão e milhares de comprimidos caíram ao chão.

“Meu Deus! Meu Deus! O que vocês fizeram?” literalmente vimos o medo nos olhos dela enquanto as palavras saíam pela boca. Como galinhas ciscando, reunimos os comprimidos o mais rápido possível, tentando desesperadamente não perder um grama sequer do precioso DXM. “Não se preocupe! Você não sabe nada sobre isso”, insistimos. “Isso é nosso e você é nossa amiga. Você pode ficar ou ir embora, é sua escolha, Sarah. Mas uma coisa é certa. Os comprimidos ficam.”

Momentos depois ela saiu nos odiando. Tentamos convencê-la de que estávamos vendendo os comprimidos, mas nos dias seguintes sabíamos que ela descobriria nosso segredo e não poderíamos mais enganá-la. Ela se importava conosco; ela não tinha muitos amigos e a gente também não. Ela só via uma saída possível, mas nos conhecia bem o suficiente para saber que não importava o que ela tentasse, nós faríamos exatamente o que queríamos.

Eu não precisava confessar para ela minhas razões para querer a morte, mas por alguma razão, à medida que esse dia ficava mais próximo, escolhi confiar nela. Eu tinha um estoque enorme de DXM bem como um estoque sem fim de remorso e culpa. Eu sabia que meu irmão estava apodrecendo na prisão e já tinha certeza a esta altura, que ele já tinha ouvido falar que eu ajudei a colocarem ele ali. Eu estava perdido além da conta, e quebrado sem possibilidade de conserto. Queria apagar os pecados do meu passado para poder morrer em paz. Eu queria perdão, mas não encontrava.

Quando janeiro chegou eu estava irreconhecível. Eu estava vestindo exatamente as mesmas roupas que no mês anterior estavam encharcadas com os fluídos do meu próprio corpo. Dia após dia eu consumia mais e mais comprimidos, continuamente deitava em minha sujeira, querendo que meu coração parasse de bater e a dor desta vida finalmente fosse embora. O que tinha começado com dezesseis comprimidos, agora tinha se tornado oitenta, em uso contínuo. Eu não imaginei que chegaria tão longe. A maior parte do dia eu esquecia meu nome e até mesmo como fumar um cigarro ou discar um número de telefone. Em alguns momentos, minha mente estava esclarecida, enquanto em outros meu passado vinha contra mim e então eu gritava por misericórdia com toda a força dos meus pulmões. Eu era prisioneiro do meu próprio inferno personalizado, preso em minha própria destruição. Eu estava

levando exatamente o que eu merecia.

22 de Janeiro de 2006

Ao meu pedido, Sarah ajustou para que alguns amigos ajudassem a me levar a uma igreja católica tarde da noite. A mesma igreja onde eu havia passado minha juventude. Eu tinha muitas memórias vívidas sobre aquele lugar. Ensinaaram-me que Deus era facilmente encontrado ali. Eu estava desesperado o bastante para tentar qualquer coisa para confortar minha consciência e apagar meu passado. Como um paralítico, me deixaram num banco da igreja e então me esperaram lá fora.

Naquele santuário iluminado por velas, voltei meu foco e toda minha atenção disponível para os muitos símbolos religiosos e estátuas. Vi uma estátua de Maria, a mãe do bebê Jesus, apontando para o céu e me dizendo que orasse. Vi ouro e outras estátuas de vários santos canonizados, o chão de mármore, e o cheiro de incenso no ar. “Este é o ambiente perfeito para Deus”, pensei ao fechar meus olhos.

Após vários minutos assentado ali, não senti nada e então comecei a falar: “Deus, cadê você? Você está aqui? Você está me ouvindo?” Ao começar a falar estas palavras, senti uma lágrima descer pelo meu rosto. Era a primeira vez que eu chorava em muitos anos. Era só uma lágrima, mas já era alguma coisa. Falei de novo “Deus, estou perdido e coloco a culpa em você por minha situação. Por que você se escondeu de mim? Por que você não me muda? Estou perdido e estou morrendo. Machuquei muitas pessoas e estou me machucando...” Fiz uma pausa como se esperando por uma resposta que eu sabia que não viria. Então, terminei dizendo “isso tudo é um grande nada, e daqui a pouco vai acabar.”

Momentos mais tarde meus amigos vieram para me pegar; em tom de piada me perguntaram “Bem... como foi? Achou Deus?” Olhando nos olhos deles enquanto tentavam me colocar em pé abri a minha boca para falar: “Deus não está aqui.” Eu não sei por que disse aquilo. Eu queria dizer Deus está morto, ou Deus não é real, ou algo parecido. Em vez disso, a frase “Deus não está aqui” saiu dos meus lábios e não me dei o trabalho de ajustar minha declaração.

Eu havia procurado e nada achei. Eu tinha perguntas, mas não recebi respostas. Quando eles mais uma vez deixaram meu corpo destruído no chão do apartamento, tive um sentimento intenso de que nunca mais deixaria aquele chão. Eu nem tinha dezenove anos e estava a algumas horas da morte. Eu tinha consumido mais comprimidos que pudesse contar, cometido mais pecados que quisesse lembrar, e estava sentindo o peso de tanta culpa. Assim que ingeri outra dose de DXM, já estava pronto para morrer.

“...E o último estado daquele homem é pior do que o primeiro ...”

Lucas 11:24-28

Capítulo 6 - “Deus é Real, Fala e Pode me Ouvir!”

Por todo o resto da noite continuei a ingerir mais e mais comprimidos. Queria que tudo acabasse e que minha luta tivesse um fim. Ao perceber a luz do dia que atravessa as cortinas da janela, algo surgiu dentro de mim. “Não consigo ter o perdão de Deus, não consigo o perdão do meu irmão que está preso, mas talvez eu seja perdoado pelo meu pai.”

Com os joelhos ao chão, engatinhei como se minha vida dependesse disso. Eu não tinha muito tempo e havia somente uma oportunidade para receber algum tipo de perdão terreno. Eu não me lembrava da última vez que tinha visto ou falado com meus pais. Eu só me lembrava da vergonha que havia causado e do remorso que sentia por pecar contra eles.

A cada metro que eu conseguia vencer, podia sentir minha força se esvaindo. Eu já não tinha mais nada; nada havia sobrado para oferecer ao meu corpo exceto a ideia de um possível perdão. Através do perdão talvez eu conseguisse paz. Paz era a única coisa que busquei por toda a minha vida. Paz era o que eu desesperadamente precisava. Naquele momento o que deu força ao meu corpo desfalecido, foi a esperança de ter paz.

Quanto mais perto eu chegava da loja que pertencia ao meu pai, mais força eu recebia. O tempo era contra mim, mas a esperança estava ao meu lado. Assim que pude ver a vitrine da loja dele sob aquela placa pintada imensa, me senti tão cheio de esperança que pude me levantar e andar firme. Com a ajuda da parede como apoio, prossegui em direção à minha meta de paz.

A menos de um metro da porta da frente da loja, comecei a pensar “O que eu vou falar pra ele? O que posso dizer? Será que ele vai me reconhecer? Será que ele vai me querer?” As possíveis respostas para essas perguntas sumiam com toda a esperança que havia dentro de mim. Eu lembrei que eu era um monstro, um drogado e criminoso, já não era filho do meu pai. Com o abandono de toda a esperança, meu corpo cedeu ao chão, meus olhos fecharam-se e eu oficialmente me rendi.

Havia trevas por todos os lados enquanto eu estava ali, deitado em absoluto desespero. Minha mente estava agora absolutamente clara. Pelos últimos meses eu não pude pensar com clareza ou ter um diálogo sadio, mas nesse momento tudo era diferente. Eu tinha entendimento claro do homem que havia me tornado, refletindo acerca de cada decisão que havia tomado da infância até agora. Como se assistindo a mim mesmo a partir de uma perspectiva externa, tentando desesperadamente chamar minha própria atenção para sair daquela estrada onde eu estava.

Eu pude ver como cada decisão resultou nisso, no meu momento mais tenebroso. Como cada mentira que contei para cada pessoa que feri e tudo o que roubei e que me ajudou a me tornar o monstro que agora estava ali, deitado na rua. Como um saco de lixo esperando ser levado para um lugar distante, fora da visão e do pensamento das pessoas. Como puder ir tão longe? Como fiquei tão perdido?

“Eu mereço isto”, pensei enquanto experimentava o sentimento de afundar bem fundo, dentro de mim. “Eu sei para onde estou indo e mereço, de verdade.” No momento em que aceitei meu destino, eu tinha aceitado a realidade e agora era a hora de enfrentar as consequências dos meus muitos pecados.

Naquele momento exato aceitei a entrega da minha vida. No momento exato em que reconheci que somente eu era responsável pelos pecados do meu passado que trouxe minha destruição, comecei a sentir um puxão de leve, todavia bem real no meu coração. Momentos antes eu só sentia como se estivesse afundando, mas agora algo diferente estava acontecendo. Senti como se estivesse em meio a duas forças poderosas, cada uma me puxando como uma força gravitacional absolutamente além do meu controle.

Quando as forças ficaram mais fortes e mais intensas senti como se fosse ficar aos pedaços diante daquela magnitude. Então, silenciosamente comecei a ouvir um sussurro, esta voz suave e doce começou a falar e mesmo parecendo estar tão distante, algo nessa voz me parecia familiar e exigia toda a minha atenção. “Chame pelo nome de Jesus” comecei a ouvir. “Chame pelo nome de Jesus”.

Eu não conseguia, apesar de querer, e sabia que precisava, mas não

conseguia. Comecei a responder àquela voz: “sou um monstro, um drogado, criminoso e não consigo”. Esperei que a voz me deixasse em minha miséria, mas isso não aconteceu. A voz continuava a aumentar “todo aquele que invocar o nome do Senhor Jesus será salvo”.

Cheguei então a mais um momento de esperança, momento de mudança e de possibilidade. Começando a raciocinar, pensei “Será que eu tenho esperança? Será que alguém como eu pode ter salvação? Será que posso ser perdoado de verdade?” Enquanto as duas forças invisíveis continuavam naquele “cabo de guerra” comigo, tomei minha decisão. Em desespero absoluto com toda a força e esperança que ainda sobrava, disse essas três palavras: “Jesus, me salva!”

Uma transformação instantânea aconteceu comigo. Senti uma presença de paz como nunca havia sentido. Toda a dor, preocupação e remorso saíram no momento em que falei aquelas três palavras. Quando o sentimento de estar afundando finalmente passou, um novo sentimento chegou. Senti como se estivesse subindo, subindo rumo à presença de uma luz intensa. Pela primeira vez em minha vida dolorosa, senti amor, paz e misericórdia. Encontrei tudo o que tão desesperadamente procurava, no Deus que odiei por tantos anos, o Deus cujo nome é Jesus Cristo!

Eu não vi Deus, não vi anjos e nem mesmo vi membros da família que haviam morrido antes. Meramente senti a convicção dos meus pecados, ouvi as palavras da verdade, descansei na presença daquele que me salvou. A paz que recebi parece ter durado horas. Eu não sabia se estava morto ou sonhando, mas isso não importava. Estava completamente satisfeito, descansando na presença de um grande amor.

Ao abrir meus olhos, a luz mudou, a presença mudou e tudo era diferente. Eu estava deitado numa cama de hospital com médicos ao meu redor e atado a muitas máquinas. Do canto do olho, pude ver minha mãe chorando, mas não ouvi a voz dela. “Onde estou? O que vocês estão fazendo comigo? O que aconteceu?” repetia continuamente esperando por respostas.

Meus olhos se fecharam mais uma vez, dormi e descansei naquela cama de hospital. Horas mais tarde acordei num ambiente mais calmo. Eu não entendia onde estava ou o que havia acontecido. “Onde estou? O que

aconteceu comigo?”, perguntei à minha mãe.

“Chris você teve muita sorte. Não se lembra de nada?” disse minha mãe com medo em seu rosto. “Eu não entendo”, repeti enquanto lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. “Encontramos você na rua. Eu o trouxe para o hospital. Os médicos fizeram tudo o que estava ao alcance deles, mas isso é sério. Temo complicações.”

“O que você usou? Por que você fez isto?” Ela disse, cheia de medo e desespero pela resposta. Eu não conseguia responder, não conseguia nem mesmo olhar para ela. Eu sabia o quanto a feri. “Você foi embora. Eu pensei que tinha perdido você”, disse ela. “Os médicos fizeram alguns exames e os resultados chegarão de manhã. Agora descanse. Você precisa descansar”. “Mas mãe, eu quero ir para casa, não quero ficar aqui”. Implorei. Sentia medo e descontrole. Naquele momento eu estava completamente vulnerável. “Chris, você está doente, tem que ficar aqui”. E com isso, ela foi embora.

Enquanto descansava naquela noite em minha cama no hospital, preso a aparelhos e cheio de sedativos, refleti em três coisas. As três únicas coisas que eu tinha certeza neste mundo: Deus é real, fala e pode me ouvir.

*“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” **Efésios 2:8-9***

Capítulo 7 - “Você Quer Coca ou Sprite?”

“Bom dia Chris, como você se sente? Eu sou o Dr. Snighter e sou o especialista em traumatologia neste hospital.” Ao ouvir estas palavras tentei me sentar corretamente para dar àquele homem toda a minha atenção e respeito. Eu estava ansioso para ouvir os resultados dos exames, mas ao tentar fazer o impossível, rapidamente entendi que havia alguma coisa muito séria com minha saúde física.

Ainda estava com dor constante, devido às semanas de danos que causei ao meu próprio corpo. Eu sabia que algo estava diferente em meu físico. Nas semanas anteriores eu não urinei apropriadamente, não tinha mobilidade plena nos membros e nem capacidade plena de falar. No momento em que o médico abriu sua boca eu vi seu olhar e comecei a temer o pior.

“Você não vai lembrar de mim, mas eu fui o primeiro médico que te atendeu quando sua mãe entrou no hospital. Não há um jeito mais fácil de lhe dizer isso, portanto, vou ser claro. Você sofreu um trauma significativo em seu cérebro e nos seus órgãos. Com o resultado dos exames temo que terei de concordar com os outros doutores responsáveis pelo seu longo tratamento. A partir da ressonância magnética e dos exames de sangue, determinamos que um grande percentual do seu cérebro sofreu dano significativo. Não saberemos a extensão desses danos enquanto não fizermos mais exames, mas não esperamos resultados promissores.”

Ao ouvir aquelas palavras meu coração parou. “O que eu fiz comigo?” Eu esperava que as consequências em meu cérebro fossem temporárias, e agora os médicos estão removendo minha esperança dizendo que minhas opções e possibilidades de ter uma vida normal são quase nulas. Como se isso não fosse ruim o bastante, soube que eles ainda não tinham falado tudo. Eles me deram um momento para acalmar minhas emoções e então continuaram.

“Seu cérebro não é nossa única preocupação. Agora está evidente que

após suas muitas overdoses houve falência de seus rins e há uma grande possibilidade deles não se recuperarem”. Eu não tinha muita certeza do que era um rim até ele continuar. “Vamos marcar para que você comece a fazer diálise imediatamente para lidar com os problemas que estão surgindo.”

Quando ele finalmente parou de falar eu não encontrava palavras. Eu estava mais confuso do que a hora em que ele entrou na sala. “Eu sou apenas um jovem, isso não pode ser possível. Como isso poderia acontecer comigo?” Em meio a minha confusão, comecei a orar “Jesus, onde estás?”

Os médicos me deram notícias devastadoras e começaram a me preparar para uma vida de dependência inteira de cuidados médicos. Eu não entendi no momento, mas eu estava sendo preparado para a dependência total de algo muito maior do que a medicina moderna ou qualquer homem pudesse fornecer. Eu estava sendo moldado para depender completamente de Jesus.

Mais tarde, naquele mesmo dia, os médicos voltaram e eu contei para eles que Jesus me salvou no meu coma. Que Ele, e somente Ele me salvou da destruição e que Ele tinha um plano especial. Ofendido pelo meu comentário, o Dr. Snighter respondeu “Então eu acho que não fiz nada para te salvar, não é mesmo? Talvez seu Jesus não precise de minha ajuda, talvez você não precise dos meus remédios, que estão impedindo que você experimente os efeitos totais do seu dano, Chris.” Tirando suas luvas elásticas, ele saiu do quarto dizendo “tenho que atender alguns outros pacientes que precisam de minha ajuda.” E com isso, fiquei mais uma vez sozinho no meu quarto de hospital.

Não me deram uma Bíblia, nem televisão e nenhum livro. Eu estava só com meus pensamentos e completamente isolado. Durante o dia inteiro refleti ainda mais nas três coisas que eu tinha certeza. Deus é real, fala e pode me ouvir. Quanto mais eu devorava esta simples verdade, mais começava a pensar: “Se Deus é real, fala e pode me ouvir, então pode ser que Ele fale ao meu corpo e me cure também”. Até aquele momento eu não tinha pensado nessa possibilidade, mas cria que Deus tinha um plano e Ele ainda não tinha terminado Sua obra.

Tudo o que eu sempre quis foi viver uma vida normal, queria paz e a possibilidade de ter uma família. Bem ali, numa simples cama de hospital,

enfrentando muitos desafios e impossibilidades físicas, eu disse três palavras: “Jesus, me cure” e então comecei a descansar, esperando e orando para que o amanhã fosse diferente.

Ao abrir meus olhos depois da escuridão da noite, comecei a ver o sol nascer. Estava lindo e majestoso. Eu tinha visto o sol nascer muitas vezes, mas hoje parecia diferente. Hoje parecia que Deus o havia feito para mim, como se Deus estivesse me lembrando de que ‘mesmo na hora mais escura, a luz ainda pode brilhar.’

Quando a enfermeira veio me trazer o café da manhã, senti-me com uma fome incomum. Eu não tinha comido comida de verdade por vários dias. A comida era a típica de hospital, fria, sem sabor e uma porção pequena. Todavia, rapidamente agradeci a Deus pela capacidade de comer e então tentei me sentar para comer o café da manhã. Do momento que meus músculos se contraíram, ao me posicionar para ajustar a parte superior do meu corpo, eu senti. Senti como se lentamente estivesse voltando a mim. Levantando a colher cheia de cereais até meus lábios, sorri para a enfermeira e ela sorriu para mim. Cada mordida de comida fria e sem sabor naquela manhã era uma bênção.

Nas horas seguintes todos os médicos também começaram a notar uma pequena diferença. Meu corpo estava dando muitos sinais de restaurações significativa. Naquela noite, o Dr. Snighter entrou no quarto para uma conversa comigo. “Chris, eu não sei o que aconteceu nas últimas 24 horas, mas algo mudou. O seu corpo se restaurou por si mesmo. O corpo humano é uma evolução maravilhosa e misteriosa”. Sorrindo para o Dr. Snighter eu disse: “O corpo humano não é tão maravilhoso como o senhor diz, mas meu Jesus é mais maravilhoso do que minhas palavras poderiam descrever.”

Ele não debateu. Nós dois tínhamos nossas crenças distintas, mas concordávamos em uma coisa: eu estava pronto para ser liberado da unidade de traumatologia e começar o processo de saída da terapia intensiva.

Depois que toda documentação e papelada ficaram prontas, as enfermeiras devolveram minhas roupas e meus pertences com os quais eu havia dado entrada no hospital. Fiquei grato, pois lavaram os trapos sujos que

eu estava vestindo, o cheiro de urina e vômito foram embora. Enquanto olhava no espelho, não fiquei exatamente feliz com meu reflexo. Eu tinha gasto os últimos anos como um drogado sem esperança e as cicatrizes não foram magicamente removidas. Todavia, eu sorri e disse, “Chris, você não é o homem que entrou no hospital numa maca, você está diferente, você é conhecido por Deus.”

Minha mãe estava ali esperando por mim. Ela queria me ajudar, dando apoio no novo capítulo da minha vida. Dei uma olhada sobre o ombro vi uma máquina de Coca-Cola. Pensei que seria legal curtir um refrigerante gelado antes de entrar no carro, então perguntei à minha mãe se ela tinha umas moedas sobrando. Enquanto procurava um dólar em sua bolsa para comprar a Coca-Cola, coloquei as mãos no bolso. No meu bolso esquerdo, junto com algumas moedas e pedaços de papel, havia algo que eu não reconheci.

Puxei o objeto para examinar o que era e rapidamente percebi. Era uma cruz quebrada do rosário favorito da minha mãe. Sem pensar a respeito, peguei aquela cruz e disse, “mãe, acho que isso é seu”, colocando aquela cruz em miniatura em suas doces mãos. “Onde você achou isso?” ela perguntou, e eu apontei para o meu bolso. Ela continuou, “Eu estava orando com ela, no dia em que te achamos na rua. Não entendo como foi parar com você”. Após um breve silêncio eu simplesmente respondi “Eu não sei, mãe, estava aqui”, e, andando em direção à máquina de refrigerante, concluí dizendo, “você quer Coca ou Sprite?”.

“Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.”- Isaías 53:5.

Capítulo 8 - “É Hora de Decidir.”

“Ok Chris, sua mãe e eu já ajustamos tudo. Só precisamos que você assine aqui.” Meu pai me animava enquanto colocava sua caneta preta na linha designada. Isso se chama “Ben Franklin close”; segundo estudos psicológicos, ao colocar sua caneta no lugar exato que você espera que alguém assine num contrato, é mais provável que ele não desistam do acordo. Quem quer que tenha preparado este estudo obviamente não usou sujeitos testados como eu.

Este era o dia que estava marcado para eu ir para uma Escola de Discipulado Cristão chamada *Teen Challenge*. Eu tinha ouvido muitas coisas sobre essa escola particular, mas o que mais eu temia, era o compromisso exigido. O período durava no mínimo dezoito meses de intenso treinamento físico, mental e espiritual. Se eu tivesse que resumir em uma palavra tudo o que tinha ouvido sobre o programa, eu teria escolhido a palavra sacrifício.

“Chris este é o próximo passo lógico para você. Na semana passada você estava no hospital, agora você precisa desesperadamente de um bom fundamento”, minha mãe disse. Ela estava certa, eu era um ‘cristão’ havia menos de uma semana e não tinha ideia do que fazer com minha nova liberdade. Tudo dentro de mim gritava “vá para o *Teen Challenge*” e por várias noites meus sonhos continuamente me direcionavam para lá. Todavia, neste momento meus únicos pensamentos eram “dezoito meses? Sem liberdade, sem contato com mulheres, sem o direito de tomar minhas próprias decisões por dezoito meses? Por que eu deveria considerar esta opção?”

Ao tomar a caneta que meu pai havia colocado no formulário de cadastramento, eu congelei. Rapidamente retraí minha mão, levantei meus olhos para meu pai e disse, “não consigo, desculpe por desperdiçar seu tempo”. “Então, mais uma vez me dirigi à porta do lar da minha família”. Mais uma vez tomei uma má decisão a partir do medo e da incerteza, da indisposição de me entregar completamente.

Em vez de escolher um Programa de Discipulado Cristão de dezoito

meses, escolhi um centro de reabilitação por trinta dias. Me convenci que somente precisava de um lugar seguro para ajustar minha vida, e desenvolver as habilidades apropriadas para ficar limpo e sóbrio. Convenci-me a acreditar numa mentira, mas lá no fundo eu sabia a verdade. Eu sabia que precisava de ajuda e não era só a respeito do vício nas drogas. Somente um tolo acreditaria que as raízes do meu problema estavam no abuso de drogas. Eu tinha uma doença espiritual que precisava ser tratada e eu me recusava a tocar nas questões reais.

Ao chegar a mais uma instituição hospitalar de reabilitação, desesperadamente tentei aprender. Eu queria uma vida melhor, uma vida sem escravidão nos vícios que havia dentro de mim. Trabalhei duro e dei tudo de mim neste programa como não tinha feito antes. Quando a exigência de frequentar a reunião dos Alcoólicos Anônimos era de três vezes por semana, eu participava três vezes ao dia. Constantemente me tornava voluntário e procurava fazer tudo em minha capacidade para ficar comprometido plenamente neste programa de trinta dias.

O programa era como qualquer outro que eu já tinha participado, terapia em grupo, terapia individual, reuniões e muitos intervalos com cigarro. Éramos um monte de indivíduos doentes, vivendo em comunidade, fazendo uma tentativa desesperada no impossível. Diariamente me diziam e eu confessava que era um drogado sem esperança que precisava da ajuda do grupo. A meta era somente vinte e quatro horas de cada vez e por um período a simplicidade de tudo aquilo extinguiu os vícios. Todavia, como uma bola sob a água, eu sabia que em breve chegaria a hora em que tudo violentamente voltaria à superfície.

“Estamos muito orgulhosos de você, Chris” meus pais me disseram quando celebramos juntos meus seis meses limpo e sóbrio. “Eu sabia que você conseguiria, você tem um trabalho maravilhoso, está ganhando dinheiro honestamente e tem o futuro inteiro pela frente”, disse minha avó ao me segurar e gentilmente beijar minha bochecha. Todos estavam tão felizes e tão orgulhosos, menos eu. Por dentro eu estava envergonhado e vivendo uma farsa.

Dois dias antes desta celebração eu havia consumido álcool com alguns velhos amigos da vizinhança. Por que eu estava vivendo numa

comunidade sóbria eu me obrigava a manter isso em segredo, temendo ser mandado de volta para o centro de recuperação hospitalar. Incapaz de viver com a culpa, escrevi um recado suicida e secretamente saí no meio da noite. Sentia que tinha decepcionado a todos e acreditava que a vida deles seria melhor sem mim.

Em uma hora, eu já tinha consumido álcool e narcóticos para aliviar meus medos e fazer o que eu pensava ser necessário. A polícia, minha família e meus amigos estavam todos procurando por mim. Eles sabiam o que eu era capaz de fazer e entendiam que meu tempo era limitado antes que eu aceitasse uma solução permanente para um problema temporário.

Dirigindo sem rumo o caminhão que meu chefe graciosamente havia me permitido usar, saí para uma estrada abandonada. Dirigi quilômetros e não vi ninguém. Após estacionar o veículo, calmamente procurei uma garrafa de comprimidos que um médico havia me dado. Demerol, um remédio forte para dor, era o veículo que escolhi para deixar este mundo e esta dor. Entre uma oração e um choro, eu engolia mais um comprimido.

“Por que Deus, por quê? Por que me salvar e então me abandonar?” Eu disse enquanto engolia mais um comprimido. “Você se revelou com poder e aí me deixou na minha bagunça! Que tipo de salvador faz isso?” mais um comprimido. “Eu vou para você em breve. Cuida da minha família, e cuida de mim.” A combinação de orações e narcóticos avançou por toda a noite até sucumbir na estrada suja e desmaiar ao som do meu próprio lamento.

Na manhã seguinte abri meus olhos para descobrir que eu estava completamente coberto de lama, com insetos em todo o meu corpo. “De onde vem essas cicatrizes?” pensei, enquanto tentava voltar ao caminhão tropeçando. “Preciso de ajuda. Preciso de ti”. Continuava a orar em alta voz. De repente, senti como se alguém estivesse falando por trás de mim “diga-lhes a verdade”. Ao me voltar para ver quem estava falando, para minha surpresa, ninguém estava ali. Eu estava completamente sozinho nesta estrada suja, só e confuso.

Liguei para um amigo da comunidade sóbria, confessei tudo e aceitei a oferta de ser levado para o hospital para poder reconquistar a estabilidade. Durante a semana de desintoxicação recebi muitas visitas que vinham para

me ajudar e garantir que eu soubesse que ainda tinha o apoio deles. Familiares, amigos e alguém que eu não esperava ver: meu chefe.

No momento que aquele homem corpulento me viu, calmamente veio em minha direção e me abraçou. “Você deixou todos preocupados, rapaz. Eu fiquei preocupado”, disse Al, enquanto verificava se tudo estava bem comigo. “Minha igreja e eu estávamos orando por você. Não se preocupe com nada, você não perdeu seu emprego e estou muito feliz por você ainda estar conosco”, ele disse momentos antes de sair. Ele estava atrasado para uma entrega. Uma entrega que eu deveria ter feito, mas não pude, pois estava no hospital.

Até aquele momento, eu não sabia que ele era cristão. Eu sempre pensei que tinha algo de diferente nele, pois ele era bom comigo e genuinamente se importava com minha vida. Ele demonstrou interesse e me trouxe para a segurança, debaixo de suas asas. Meu único arrependimento foi por ter me aproveitado da boa natureza dele por muitos meses enquanto lidava com minhas próprias lutas pessoais.

Ao longo daquele ano minha vida tinha sido um desastre absoluto. Eu não tinha alicerce e não conseguia impedir que minha vida desmoronasse. Toda vez que eu conseguia ficar sóbrio por trinta dias, instantaneamente eu caía de novo e precisava que alguém me ajudasse a juntar meus pedaços. Overdose após overdose, fracasso após fracasso, mentira após mentira. Nada funcionava e minha situação só ficava pior que antes.

“Você sabe por que está aqui na minha frente Sr. Buscher?” Disse o Juiz Ladasaw sentando, com sua toga preta, prestes a declarar sua condenação sobre minha vida. Eles me levaram para diante dele acorrentado. No ano anterior tive diversas overdoses, fui preso por pequenas infrações e hospitalizado por tentativas de homicídio. Agora estava sendo julgado pela minha estabilidade mental, para ver se eu de fato era uma ameaça para a sociedade.

“Nos últimos anos fiquei de olho em você. Vi você nos jornais e também vi pelos olhos da sua família. Já ouvi mais histórias sobre você do que consigo lembrar. Minha esposa vai ficar triste quando eu informá-la de que você esteve aqui, no tribunal mais uma vez. Minha esposa se importava

com você quando você era menino e ela sempre viu grande potencial em você.”

Suas palavras rapidamente chamaram minha atenção. Já estive naquela situação antes, mas nunca falaram comigo diretamente daquele jeito. Normalmente eu era tratado como um animal com o qual eles não sabiam exatamente o que fazer. Desta vez a atmosfera daquela sala estava diferente.

“Seu irmão foi apresentado a mim alguns meses atrás. Como ele foi sentenciado, eu sabia que isso afetaria você também. Ninguém nesta sala duvida da dor e sofrimento da sua vida, tampouco ignoramos a dor e sofrimento que você causou a outros.” Após dizer estas palavras, ele curvou sua cabeça como se estivesse ouvindo o que deveria dizer a seguir. Era como se ele estivesse orando por sabedoria. Todos, inclusive os policiais que me algemaram, esperavam com expectativa que o julgamento terminasse.

Após momentos de um silêncio estranho por uma presença que enchia toda aquela sala, ouvimos estas palavras: “Sr. Buscher, levante-se diante de mim.” Ao me colocar em pé, o som das correntes nos meus tornozelos e pulsos poderia ser ouvido lá do fundo da sala. “Se por um momento eu soubesse que uma casa de recuperação pudesse de alguma forma lhe consertar, eu o mandaria para lá. Se eu soubesse que uma prisão não o destruiria completamente, eu o mandaria para lá. Você recebeu a maravilhosa oportunidade de voluntariamente entrar no programa de Discipulado Cristão chamado *Teen Challenge*. Eu conheço bem o programa bem como o grandioso sucesso dele com seus alunos. Esta escola mudaria sua vida completamente.”

Limpando sua garganta, ele continuou “Eu sei por que você não vai. Você tem medo. Você está cheio de medo, como teve em sua vida inteira. Se eu o enviasse para lá por ordem judicial, você fugiria assim que surgisse a primeira oportunidade. Então, vou lhe dar uma opção: hoje, você precisa decidir seu futuro. Ou você voluntariamente conclui seu curso no programa *Teen Challenge*, ou eu o sentencio a seis meses numa instituição para doentes mentais para avaliação de sua situação crônica”. Com isso, ele pediu que todos saíssem da sala e me deu tempo para fazer minha escolha.

Algo estava diferente naquele dia, meus olhos começaram a ser

abertos. As palavras que o juiz havia me dito não eram palavras dele e todos nós sabíamos disso. Estas eram as palavras pelas quais eu estava esperando, exatamente as palavras que eu precisava ouvir. Olhei para meu pai enquanto era escoltado ao sair da sala e com uma única lágrima no olho, eu disse: “Estou pronto. Ligue para o *Teen Challenge*.”

“Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará; mas os ímpios tropeçarão no mal”. - Provérbios 24:16

Capítulo 9 - Doce Rendição

05h00min Terça-feira: 23 de Janeiro, 2007

“Levanta Chris, levanta!” Meu pai disse me sacudindo para que eu acordasse. De uma rápida olhada na janela pude ver que o sol ainda nem tinha nascido. Ainda meio intoxicado da noite anterior, procurei meus cigarros para cumprir com meu ritual matinal do cigarro como desjejum. “Você não vai precisar de nada disso hoje”, disse ele ao amassar meu último maço de Marlboro.

Tendo passado a noite inteira me enchendo de narcóticos e álcool na tentativa de esquecer o que a manhã traria, na verdade, quase esqueci. Hoje completava um ano que eu tinha sido salvo. Um ano exato, desde que Jesus me mostrou misericórdia durante uma overdose quase fatal. Este era o dia marcado para eu dar entrada no *Teen Challenge de Midlands* em Colfax, Estado de Iowa.

No momento que cheguei ali, a mudança começou a acontecer. Não foi um milagre instantâneo, mas foram coisas simples acontecendo ao meu redor e dentro de mim. Comecei a ver que tudo o que havia acontecido ao longo da minha existência tinha um propósito, e que Deus, em Sua infinita sabedoria, me trouxera até aquele lugar.

Ao sair da minivan do meu pai, lembro-me vividamente de olhar para a porta de entrada deste complexo de quatro andares. Era como se já tivesse visto antes, mas não em fotos ou histórias que eu tinha ouvido. Não, era diferente. Eu tinha visto aquele lugar por muitas vezes em meus sonhos. Normalmente nas primeiras várias horas, as dores da abstinência eram insuportáveis. Eu esperava ficar doente, esperava que minha doença começasse a tentar violentamente me arrastar de volta para as ruas. Mas as dores de abstinências não vieram e com isso ficou muito claro para mim que eu estava num santo lugar.

Embora cada um ali tivesse vindo por razões pessoais, as pessoas

eram diferentes. Havia alegria nos olhos delas e um senso de clareza nelas. Apesar de já ter passado por mais de oito centros de reabilitação antes de chegar ao *Teen Challenge*, algo naquele lugar me deixou chocado. Ninguém me perguntou em que tipo de drogas eu era viciado ou qual variedade de remédios eu precisava. Eles se preocupavam somente com duas coisas; ‘Você conhece a Jesus e Jesus te conhece?’

Em minha primeira noite, ao colocar a cabeça no travesseiro cobri meu rosto com o lençol e silenciosamente agradei a Deus por ter me trazido até ali. “Jesus, eu quero o que eles têm, quero te conhecer. Por favor, Senhor; quero provar-te.” E com estas simples palavras terminei minha oração e dormi em paz. Foi a primeira noite de sono estando sóbrio e sem a ajuda de remédios, em anos.

“Hora da toalha” um homem gritou quando repentinamente as luzes foram acesas. O mais rápido possível, todos saltaram da cama e correram para os chuveiros. Eram exatamente 6:00 da manhã e tínhamos somente 15 minutos para tomar banho, fazer a barba, trocar de roupa e arrumar a cama antes de marcharmos lá para baixo para começarmos nossa rotina diária, daquilo que muitos chamavam de “*Campo de treinamento bíblico*”.

Cada segundo de todos os dias eram completamente organizados. Tínhamos orações coletivas e estudo bíblico antes do café. E então, imediatamente depois tinha um culto marcado do qual todos os funcionários e alunos participavam diariamente. O culto consistia de algumas canções de adoração e uma mensagem pregada por um pastor, um membro da equipe e às vezes, até mesmo por um aluno. Todos pareciam conhecer a Jesus intimamente e devoravam cada página da Bíblia.

Não tinha banda, coral e nenhum músico famoso tocando sua guitarra. Eles tocavam um CD enquanto as pessoas levantavam suas mãos para cantar, ou caíam de joelhos diante do altar. Os alunos oravam uns pelos outros, conheciam as necessidades uns dos outros e davam as mãos agradecendo a Jesus por tudo de bom e de ruim em suas vidas. Encontrei-me numa situação diferente de tudo o que havia nas outras igrejas: aquilo era uma religião imaculada em sua mais pura forma.

Após a Capela, nosso dia era igualmente dividido entre trabalho físico

e estudos bíblicos. A escola estava em 90 acres de terra o prédio também era bem grande. Cada um de nós tinha a responsabilidade de cuidar da propriedade e aprendíamos muitas habilidades valiosas enquanto o fazíamos. Derramávamos suor e sangue naquele lugar. A cada momento aprendíamos mais sobre nós mesmos e nosso valioso potencial.

Estudos bíblicos envolviam leituras coletivas, bem como devocionais particulares. Nos primeiros seis meses recebi mais educação bíblica de qualidade do que muitos pastores e ministros em muitos lugares no reino. Mas conhecimento e informação não era o segredo do sucesso da Escola *Teen Challenge*. Relacionamento pessoal com Jesus e o aprendizado de como ouvir a voz do Espírito Santo foi o que realmente mudou a vida desses homens desesperados. Muitos entravam ali como drogados sem-teto como eu, porém mais tarde se formavam como grandes homens de Deus, destinados a virar o mundo de cabeça para baixo.

“Chris, é hora de conhecer o reverendo.” Ouvi enquanto separava madeiras atrás do celeiro. Eu havia passado as últimas três horas levantando toras e meus músculos estavam prontos para uma parada. “Ok, estou indo, irmão.” Disse enquanto terminava a última tora e comecei a ir em direção do prédio. Eu nunca tinha visto o Reverendo Larry Low antes, mas os outros alunos falavam dele com muito respeito.

Subindo a elevação que levava à porta da frente, sacudi o quanto pude o pó do meu corpo. Durante as últimas horas levantando pedaços de árvores e separando a madeira em pequenos pedaços, eu fiquei bem sujo. “Como será minha primeira reunião?” pensava enquanto subia as escadas que levavam ao escritório dele. “Entra, entra” ouvi uma voz calma por trás da porta de madeira.

Um homem velho e barbudo tinha um sorriso em seu rosto que iluminava até a mais tenebrosa das situações. Havia algo pacífico nele, e uma presença naquela sala simples que me intrigava. “Eu estava orando por você Chris” disse ele enquanto me apontava uma cadeira ao lado da sua. “Você está pronto para começar a aprender como ouvir ao Espírito Santo?” perguntou, olhando bem no fundo dos meus olhos.

“Eu não sei, Reverendo” respondi com dúvida e incredulidade. “Para

ser honesto, reverendo, eu não sou muito carismático. Não se ofenda, mas não sou tão louco como algumas das pessoas aqui.” Após dizer estas palavras, já fiquei esperando um sermão ou no mínimo, um comentário negativo dele. Ao invés disso, ele riu e disse “Não se preocupe, eu também não sou louco. Vamos começar?”

“Quero que você feche seus olhos, descanse por um momento e deixe sua mente limpa de pensamentos. Não tente trazer memória alguma ou pensamento para sua consciência, só descanse”, disse ele com uma voz pacífica. Naquele momento eu achei isso muito difícil. Eu estava nervoso e nunca tinha conseguido descansar minha mente sobrecarregada. Todavia, após vários minutos de silêncio, começou. Ele deveria saber que eu estava calmo e relaxado, porque continuou, orando “Senhor Jesus, mostra ao Chris o que o Senhor quer que ele veja.”

Eu não vi anjos ou recebi uma mensagem profética escrita no céu distante. Eu tive uma lembrança, uma estranha lembrança que nunca pude entender e nunca havia me ocorrido antes. “Eu acho que não está funcionando, Reverendo.” Disse eu com mais dúvida que antes. “Estou vendo...” quando tentei dizer a ele o que estava vendo, ele rapidamente me parou e disse “Não me diga o que você vê. Eu não preciso saber. Simplesmente diga a Jesus como você se sente quando tem esta lembrança.”

“Como ele sabia que eu estava tendo uma lembrança? Por que ele não queria ouvir? Que tipo de terapia é esta?” Pensei, ao ouvir a falta de interesse dele em minha lembrança. Após um momento, exclamei “Senhor Jesus, me sinto confuso. Não entendo porque estou tendo esta lembrança, honestamente, ela não significa nada para mim”. A lembrança que eu tinha era do dia que fui liberado do hospital e encontrei a cruz da minha mãe em meu bolso, uma simples cruz quebrada do rosário dela. “Por que esta memória? Por que não lidar com uma memória que realmente causa danos, como o trauma do meu passado?”, pensei após ter feito aquela oração.

“Acalme-se irmão, e só ouça. Ouça a voz dele, Ele vai falar se você ouvir”, o Reverendo Larry disse. Ele deve ter percebido o incômodo em mim enquanto lutava com meus pensamentos. Mais uma vez tentei me acalmar e comecei a orar “Senhor Jesus, estou confuso e quero ouvir Sua verdade”. Instantaneamente senti respostas no meu interior. Não ouvi uma voz

misteriosa, mas senti as respostas e soube que era Jesus falando.

“Eu o trouxe a mim, e tenho estado com você sempre, nunca houve um momento que o deixei só. O dia que me revelei para você foi quando você começou a ouvir. Você ouviu muitas coisas sobre mim, de muitas pessoas que não me conhecem. Eles lhe ensinaram religião e mostraram símbolos numa tentativa de me encontrar. Eu quebrei Minha cruz do rosário religioso da sua mãe e gentilmente coloquei em seu bolso. Eu fiz aquilo.”

Assim que a voz começou a falar ao meu coração, as lágrimas rolaram. Eu estava sendo lavado pela Palavra de Deus, sendo limpo de todas as mentiras. “Mas por que Deus, por que me trouxe para cá?” Continuei a orar enquanto as lágrimas rolavam e então ouvi “Você é meu, eu quero que você me conheça. Assim como eu quebrei a cruz do símbolo religioso, trouxe você aqui para remover as ideias religiosas de outros. Que seu foco esteja em mim, em minha cruz, em minhas palavras, abra mão da religião para me encontrar”.

Eu não consigo imaginar o que o Reverendo deve ter pensado ao verme chorando diante da presença do Senhor. Eu pude ouvi-lo calmamente ao fundo, louvando ao Senhor por penetrar meu coração com Sua verdade. O Reverendo nunca soube o que o Senhor e eu discutimos; mas ele sabia que o Senhor estava falando.

Antes de sair do escritório do Reverendo, finalmente entendi qual era o papel dele no *Teen Challenge*. O trabalho dele não era me consolar ou me ajudar a resolver os problemas do passado. Seu trabalho era algo bem simples, mas muito profundo. O papel dele era arranjar um encontro com o aquele que cura, e me ajudar a ouvir Sua voz.

Ao ouvir o Senhor falar, fiquei viciado na presença Dele. Todo o dia e toda a noite me via atraído a Ele. Jesus tornou-se a razão de me levantar a cada manhã, e a razão de cada decisão que eu tomava. Eu queria muito dar a Ele glória e servi-lo em verdade. Senti meu coração triste pelas almas perdidas e até mesmo pelas pessoas dentro das igrejas que não tinham o que eu tinha. Eu queria dar Jesus ao mundo, queria fazer diferença. “Mas quem sou eu?” eu pensava. “Sou um ninguém, tenho só 20 anos. Quem me ouviria?”

Nos meses seguintes me recusei a ficar esperando que as coisas acontecessem. Muitas pessoas estavam me dizendo “Espera no Senhor. Só espera, Chris, as coisas vão acontecer na hora certa.” De alguma forma, mesmo com minha falta de experiência, eu sabia que elas estavam erradas. Coisas boas acontecem para aqueles que esperam, mas o problema com a maioria das pessoas é que elas se tornam inativas enquanto esperam por sua primeira oportunidade. Elas nunca entendem a verdade até que todas as oportunidades sejam perdidas. Eu via isso em tanta gente, e quanto mais eu estudava a Bíblia e a história da Igreja, mais ficava convencido e compelido a não permitir que isso acontecesse comigo.

Dei uma olhada honesta na situação em que me encontrava. Eu ainda era um aluno da escola de Discipulado Cristão e ainda estava rodeado por pessoas que precisavam de mim, tanto quanto eu precisava delas. Investi inteiramente nelas, orando com elas, encorajando-as e ministrando diariamente a eles como elas também faziam comigo. Tornamo-nos um círculo de amigos sendo preparados para o nosso momento de virar o mundo de cabeça para baixo. Nós entendíamos plenamente que este tempo de nossas vidas era só o começo, era só treinamento, preparação.

Na noite anterior à minha formatura no *Teen Challenge*, fiquei nervoso. Eu tinha passado os últimos dezoito meses completamente devotado a servir e trabalhar com Jesus. Eu sabia que Deus estava me chamando para o ministério e estava plenamente ciente de que havia muitos tempos difíceis diante de mim. Orando do jeito que o Reverendo Larry tinha me ensinado, eu disse: “Jesus, obrigado. Obrigado por tudo. Você me curou, me limpou. Separou-me deste mundo para sentar aos seus pés e aprender de ti. Amanhã eu mais uma vez vou me aventurar neste mundo. Guarda-me, guarda-me. Não importa o que surja no meu caminho, esteja comigo e nunca me deixe correr para tão longe que o Senhor não possa me trazer de volta. Eis-me aqui Deus, seu fiel e humilde servo. Usa-me.”

Após fazer esta oração de todo o coração, mais uma vez deitei minha cabeça no travesseiro e mergulhei num sono profundo. O Senhor sempre falava comigo através da Bíblia e às vezes até no meu passado, quando eu desesperadamente precisava Dele, ele falava comigo em sonhos. Esta era uma daquelas noites, quando eu estava prestes a tomar outra decisão importante

em minha vida, sair para o mundo do desconhecido, onde desesperadamente precisaria da presença Dele.

Um sonho recorrente que começou quando ainda era criança e voltava pela vida inteira, voltou mais uma vez naquela noite. O sonho sempre foi o mesmo e sempre tão vívido como da primeira vez. Este sonho me deu a força necessária para avançar, não deixar de crer e continuar lutando o bom combate da fé.

Envolto em trevas absolutas, estou num estado de consciência, mas não tenho forma. Não tenho corpo físico, somente um espírito e estou claramente rodeado por um entendimento profundo de que não estou sozinho aqui. Há uma multidão de outros na mesmíssima situação que eu, todos estamos esperando para ser selecionados, para ser escolhidos.

Na hora perfeita, sou carregado rumo à luz e assentado numa presença que é irresistível. A presença é majestosa e santa, e ao mesmo tempo amável e paciente. Estão sendo mostradas diversas opções, muitas vidas diferentes para escolher. Nunca fica claro o suficiente para mim os detalhes de cada vida, somente um entendimento firme, quando tomo minha decisão final. Com certeza plena tomo minha decisão e declaro “Esta, eu escolho esta”.

“Você tem certeza? O Espírito perguntou, e continuou “Esta vida me trará grande glória, contudo, sua vida será cheia de dor e sofrimento”; mais uma vez o Espírito pergunta: “Você tem certeza?” “Sim” respondi, e naquele instante, eu nasci.

“E vós sabereis que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o Senhor vosso Deus, e que não há outro; e o meu povo nunca mais será envergonhado. E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. - [Joel 2:27-29](#).”

Você foi abençoado por esta mensagem de esperança? Se assim for, por favor, sinta-se livre para escrever um comentário no site Amazon. Ao fazer isso você nos ajudará a espalhar esta mensagem de salvação para muitas nações!

Conheça o Autor



Depois de uma infância atormentada anos de pesquisa Chris Buscher, o co-fundador e CEO da Lay Me Down Ministério tumultuada, finalmente encontrou a redenção. Jesus Cristo tornou-se mais do que apenas palavras para ele. Chris encontrou o amor, misericórdia e compaixão através do poder da mensagem do Evangelho. Tendo sido completamente curado e liberto ele foi dado agora uma nova vida; uma vida com propósito!

Enquanto estudante na Faculdade Bíblica o Espírito Santo deu a Chris um sonho profético que alterou sua vida para sempre. Deus estava o chamando para servir a Igreja e "prostrar" a sua vida para encontrar o significado da cruz. Ele vendeu tudo o que possuía, em seguida, passou a dizer adeus a sua família, e começou a viajar pelo mundo pregando a fé em Jesus.

Chris tem ministrado o Evangelho em numerosas nações e hoje LMDM está operando em três continentes diferentes e é composto por mais de 120 pastores e 65 Igrejas todos unidos com um objetivo comum – Levantar a próxima geração de cristãos.

www.laymedown.org



Se este livro o inspirou, conecte-se conosco em nossa página do Facebook para:

- Mais informações,
- Inspiração diária,
- E**
- Ofertas exclusivas!

<https://www.facebook.com/MinhaConfissao>



Através das dores e lutas do Pastor Chris Buscher veio o nascimento do que conhecemos hoje como Lay Me Down Ministério. LMDM está avançando o Evangelho em vários países, incluindo 47 igrejas no Quênia África, 23 igrejas no Paquistão, e uma escola de Treinamento e Discipulado em São Paulo Brasil. Para cooperar com 100s dos nossos pastores em todas as nações entre em contato conosco em nossa página no Facebook:

www.facebook.com/LMDM.br



UPBOOKS é uma editora brasileira com foco em suportar autores estrangeiros para lançar seu livro especificamente no Brasil

Como o Pastor Chris e os outros, você também pode ter suas mensagens compartilhadas para impactar vidas e corações das pessoas do Brasil e além disso com a melhor assistência na tradução, edição, direitos autorais, leitura

de prova, ISBN, design da capa e e-book. Contacte-nos hoje para ter o seu livro de destaque em nosso catálogo, loja on-line, e propaganda

Não espere mais para impactar pessoas com que Deus depositou em você. Publique com UPBOOKS!

Contact us: Nosso contato:

www.upbooks.net.br

www.facebook.com/upbooks.editorial

+55 (19) 3843-6389 or (19) 98287-2935